BiZZ

Depeche • Duran Duran
O som que vem do Japão
Aerosmith • Olodum
Escolha o seu Nirvana
Kiss • Bowie • Janis Joplin

EDITORA AZUL

Edu K, do DeFalla

Carlinhos Brown

A NOVA CARA DA MÚSICA POP BRASILEIRA

Samuel, do Skank

Cherry, do Okotô

Rock
Pop
Reggae
DanceHall
Enfim,
SKANK
Em CD, K7 e LP
Sony Music

BiZZ

SHOWBIZZ

6 As origens e o momento do rock japonês, por Alex Antunes
8 Nos EUA L7, Pearl Jam, R.E.M. e outros lutam pelo direito ao aborto. E no Brasil?
9 O destino estapafúrdio do Lollapallooza
12 A fé e o futuro do Depeche Mode
14 Secos & Molhados, vinte anos depois
12 Todos os discos na boca do forno
18 Vanessa Paradis, por Pepe Escobar
20 Duran Duran num show acústico

26 **A NOVA CARA DA MPB**
Bem-vindos à Música Pop Brasileira – onde misturar forró com punk pega bem, todo mês saem doze discos de gente iniciante, a MTV tudo pode, gravadoras minúsculas lançam discos na Europa, fabricantes de instrumentos estão ganhando dinheiro a rodo, e um público enorme lota shows de gente tão diferente quanto Carlinhos Brown e DeFalla

22 **AEROSMITH**
Se houve alguém que levou a sério o lema "sexo, drogas e rock'n'roll" foi o Aerosmith. Agora, nesta exclusiva concedida a um surpreso José Emílio Rondeau em L.A., o vocalista StevenTyler tece considerações do tipo "precisamos educar as criancinhas para os perigos do sexo e das drogas". Que é que está acontecendo com a mais influente banda de hard rock da história?

18 **ESCOLHA SEU NIRVANA**
Não, a indústria fonográfica não desistiu de encontrar a banda que repetirá o fenômeno Nirvana/Seattle. Estão chovendo contratos milionários no *underground* americano. Mas quem realmente tem potencial? André Barcinski, que adora fuçar um porão, apresenta alguns dos principais candidatos

capa fotos/ Rui Mendes

este mês

LANÇAMENTOS

DISCOS
44 David Bowie, por Bia Abramo
46 Olodum, Ice-T, Sting, Jeff Healey, Coverdale/Page e mais 36 lançamentos
50 Os melhores discos da temporada segundo a crítica e a parada internacional

ZONA FRANCA
53 Nossa seção de importados. Nesta edição: Brian Eno, Einstürzende Neubaten, Frank Black, Stereo MCs, Gilberto Gil & Jorge Ben (?!)

REPLAY
58 Seção nova: só relançamentos, raridades, piratas e clássicos em geral. Na estréia: Janis Joplin, The Pretty Things, Ozzy, Muddy Waters e os vinte anos de *The Dark Side Of The Moon*

CARTAS
64 "Vocês são uns vagabundos!" e outras manifestações dos nossos queridos leitores

DISCOTECA BÁSICA
66 Enfim: *Destroyer*, do Kiss, por André Barcinski

editorial

Direto ao ponto: você tem nas mãos a mais nova e ambiciosa mutação da BIZZ. É fruto de mais de um ano de pesquisa e trabalho.
O objetivo é fazer a revista mais moderna do Brasil. Isso quer dizer que a BIZZ passa a ter a obrigação de surpreender a cada edição. De ter os mais talentosos e destemidos críticos, jornalistas, fotógrafos, diagramadores e ilustradores. De usar tecnologia de ponta na editoração eletrônica e de estar tão presente na vida artística do país quanto na vida cotidiana de seus leitores. De divertir, informar e provocar o público (e também a própria redação. Afinal, se a gente virou jornalista, é porque não tinha saco para um emprego normal). Para realizar tudo isso, estamos construindo sobre uma base sólida: os oito anos de sucesso e experiência da maior revista de música da América Latina. Muito simples, como se vê: queremos adiantar já o futuro da música e da comunicação impressa, produzindo uma revista de padrão internacional.
Os complexos terceiro-mundistas de inferioridade que se danem – inflação/recessão etc. não podem mais justificar falta de ousadia. E se a nossa pretensão é gigantesca, bom, aí é que está a graça.
Caberá a você julgar, mês a mês, o resultado de todas estas boas intenções e altas ambições. Mas o futuro é o que menos importa. Bem-vindo ao presente.
Bem-vindo à nova BIZZ.

ANDRÉ FORASTIERI

KILL 'EM ALL

RIDE THE LIGHTNING

MASTER OF PUPPETS

...AND JUSTICE FOR ALL

METALLICA

METALLICA
LIVE AT WEMBLEY STADIUM

METALLICA IN BRAZIL

CLIFF 'EM ALL

A YEAR AND A HALF IN THE LIFE OF METALLICA - PART I

A YEAR AND HALF IN THE LIFE OF METALLICA... CONTINUED

É PolyGram.

CD/K7/LP/VÍDEO

Showbizz

Nem só de Shonen Knife vive o barulho nipônico

O rock-sushi começou na década de 70 – de 1870, para ser mais exato. Foi quando, pela primeira vez, uns intelectuais japas metidos a sebo começaram a espalhar a tese de que a cultura japonesa era inferior e que era necessário aos olhinhos puxados "conhecer os clássicos" ocidentais.

Vai daí que o general Yamamoto fez a Segunda Grande Guerra (é um pouco mais complicado que isso, mas tudo bem) e perdeu. E deu no que deu. Ou seja, um nó cultural que ninguém entendeu até hoje.

No lado sonoro do nó, o problema e a solução continuam sendo a música ocidental. Hoje, para cada bandinha que decalca, digamos, o Pantera, a cena nipônica vomita alguma excrescência ímpar. Instrumentos orientais como o shamisen e o koto são impunemente misturados com tubas e guitarras, num resultado que às vezes até é chato. Mas nem sempre.

Agora, através de selos como o Charnel House (de San Francisco) e um ou outro show (como os esdrúxulos Boredoms, que abriram com o Sonic Youth), os japas parecem preparar um novo Pearl Harbour. Steve Albini, produtor do próximo álbum do Nirvana, esteve no Japão produzindo algumas bandas e confirma: "Com entusiasmo e isolamento, eles fazem uma adaptação realmente idiossincrática do pop ocidental. E isso acaba gerando algo novo."

Para o bem da nossa (pouca) paciência ocidental, os padrões sonoros começam a ficar identificáveis. Iwa-Wud lembra Jesus Lizard; Te No Kanshyioku parece Sonic Youth com piano. Em compensação, o Gerogerigegege trabalha com fitas com sons de colisões automobilísticas, enquanto o vocalista Gero (51 anos!) brinca no palco com merda e com porra... Omoide Hatoba, projeto paralelo do guitarrista dos Boredoms, é o elo perdido entre o progressivo e o Black Flag. Ruins detona só com baixo e bateria.

E há os Space Streakings, Cop Ass Grinders, Funhouse, Volume Dealorc, Dalhakase, Friction, ANP, Daiyuck And Prostitute, Ibo Ibo, Maria Kenon, Adventure King, Hanna Densha, Subvert Blaze, S.O.B., Sekiri (grupo só de mulheres, que aliás são presença constante nas bandas), UFO Or Die, Dowser, Dub Squad, Masonna, YBO... Só nos resta gritar: *tora! tora! tora!*

ALEX ANTUNES

Ilustração: Macanudo/Corporação Manchu

Direito de escolha

L7, Nirvana, Chili Peppers e Pearl Jam lutam pelo direito ao aborto. Os brasileiros se dividem

Mari Asbell/Sony

L7: prêmio *Feministas do Ano*

Defender causas fáceis qualquer um defende. Afinal, quem é a favor da fome na Etiópia ou contra os direitos humanos? Nada melhor para recuperar uma carreira em decadência que posar ao lado de um índio. Mas quando se mexe com causas difíceis – tipo o direito ao aborto –, que podem atrapalhar as vendas de discos, quem é que aparece?

O L7 não só apareceu como está liderando um movimento pelo direito ao aborto. Através da organização Rock For Choice, fundada por elas mesmas em 91, as garotas do L7 estão promovendo mega-shows pró-*reproductive freedom* (sinônimo politicamente correto para "aborto"). Os eventos contam com a participação de bandas como Nirvana, Pearl Jam, Beastie Boys, Red Hot Chili Peppers, Fugazi, Mudhoney, Screaming Trees e Soundgarden, mais coroas como Iggy Pop, Laurie Anderson, Joan Jett e uma banda formada especialmente para estes shows pelo Joey Ramone – a Resistence. Quer dizer, é um Hollywood Rock de luxo.

Por causa do Rock For Choice, o L7 ganhou da Feminist Majority Foundation o prêmio *Feminists Of The Year*, que normalmente vai para gente respeitável como senadoras e não para gente que mostra a bunda para suas platéias.

Aqui, um movimento pela legalização do aborto (que só é permitido em casos de estupro e risco de vida da mãe) não faria tanto sucesso entre os roqueiros. "Estou fora de qualquer militância. Seja para a liberação ou restrição de qualquer coisa. O público precisa de tudo, menos de um pai que lhe diga o que fazer", defende Marcelo Nova. Ele não é contra o aborto, apesar de essa ser "uma questão de vida humana muito complexa".

Outro que não subiria ao palco com uma mensagem pró-aborto é Patossauro, o vocalista do Yo-Ho-Delic. "Sou a favor da vida em qualquer circunstância. Sou pai e para mim o aborto é um assassinato. Acho que as pessoas têm que ter responsabilidade por tudo que fazem", diz. Mas caso a proposta de um show pró-aborto chegasse ao Yo-Ho-Delic, uma longa discussão se instalaria no grupo: para Marinho, baixista da banda, o aborto deveria ser liberado.

Felipe Machado, guitarrista do Viper, participaria do show pró-aborto, mas acha que deveria ser um evento bem abrangente. "Do jeito que está, sem uma política de controle da natalidade, as clínicas clandestinas acabam matando o bebê e a mulher", diz.

No front feminino: as opiniões também divergem. Fernanda Abreu acha "difícil dizer sim ou não. Não sou muito militante e acredito que um show não é para isso. Seria muito mais importante oferecer informação de como não ter filhos. Mas dependendo da credibilidade das pessoas envolvidas no show, talvez eu participasse", ela revela. Enquanto Fernanda procura não fazer show-campanha de nada, há quem se jogaria de cabeça numa atividade pró-aborto. "Acho que faria um show desses para expressar minha opinião a favor do aborto. Apesar disso, acho que o aborto nunca vai ser liberado aqui no Brasil. A indústria clandestina dá muita grana", diz a baixista dos Pin Ups, Alexandra.

CÉLIA ALMUDENA

Para maiores informações a respeito do Rock For Choice escreva para Feminist Majority Foundation, 8105 West Third Street, Suite 1, Los Angeles, CA, 90048.

Felipe, do Viper, a favor: "as clínicas clandestinas matam"

Patossauro, do Yo-Ho-Delic, contra: "aborto é assassinato"

É uma honra e uma dor de cabeça: o desenhista brasileiro Kipper foi contratado

pela editora americana Malibu para realizar uma biografia em quadrinhos dos Doors, em capítulos. O problema é que os próprios Doors remanescentes estão assessorando a Malibu e já começaram a reclamar: Ray Manzarek disse que suas mãos estão muito "grosseiras".
A minissérie deve estrear lá em agosto/setembro (a ilustração que você vê é um estudo inédito de Kipper, exclusivo para a BIZZ).

Tudo que a gente precisava: um Macaulay Culkin francês (ou será um anão adestrado?). Não, é o pequerrucho mala do mês Jordi, que vendeu mais de um milhão de cópias de "Dur, Dur D'être Bebe", com direito a vídeo sacaninha e tal. Essa receita fica toda em família: seus pais (que vão queimar no inferno por explorar o moleque) são também produtores do disco, feito de encomenda para manter as matinês lotadas. Não se preocupe, vai passar.

BLUES SEM BODE

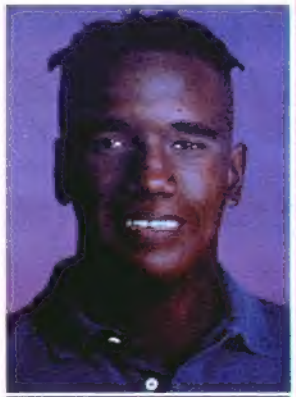
Foi um dos melhores encontros musicais dos últimos tempos. Ed Motta e os mais que competentes Blues Etílicos arquitetaram um show com a fina flor do blues elétrico que evita os clichês da melancolia do Mississippi – Allman Brothers, Jimmy Rodgers é até o soulman Curtis Mayfield entraram na dança.

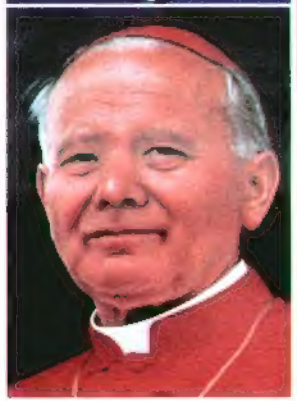
Ali, longe dos delírios jazzísticos autorais que quase enterraram sua carreira, Ed Motta provou por que é o melhor *cantor* de sua geração. Firulou só nas horas certas e demonstrou versatilidade em uma arrepiante versão de "Gimme Back My Bullets" do Lynyrd Skynyrd – nada surpreendente para quem começou a cantar em uma banda de heavy metal aos 13 anos.

Mais e melhores blues estão por vir. O sucesso da empreitada já os leva a uma turnê por outras capitais, começando pelo Britania (SP). Tomara que daí saia também um disco ao vivo.

CLÁUDIO CAMPOS

MICHAEL BRANCO SCHWARZA NEGÃO PAPA CHINÊS





São reinações computadorizadas da Colors, possivelmente a única revista politicamente correta não-chata do mundo. Ela serve em parte como catálogo para a grife Benetton. Mas é superinformativa, tem bom gosto e cara de pau

GATOS SEPARADOS

Os reis do rockabilly – Stray Cats – estão juntos, mas separados. Brian Setzer está excursionando pelos EUA com um show concorridíssimo, em que é acompanhado de uma big band de músicos que já tocaram com Frank Sinatra e Tony Bennett. Enquanto isso, o baterista Slim Jim Phantom também agita: toca agora na banda de apoio do cantor/gaitista/ator Harry Dean Stanton (sim, o coroa de Paris, Texas).

OUÇA ESSA

"Sou um bissexual que nunca teve uma experiência homossexual."
Brett Anderson, do **Suede**

"Éramos só quatro caras que gostavam de se embebedar."
Bernard Sumner, do **New Order**, desmistificando o Joy Division

"Não há hábito mais repulsivo que se embebedar. E drogas, bom... A minha narina direita não funciona até hoje."
David Bowie

"Não há dúvidas de que o Metallica vai durar um bom tempo, provavelmente mais do que deveria."
James Hetfield, do **Metallica**, na Rolling Stone

"Pastor paga rainha pornô para apresentar programa de criancinhas!"
Manchete do jornal **Weekly World News**, sobre a investida americana de Xuxa

"Depois de trabalhar com os índios durante um certo tempo, me dei conta de que eles podem ser muito frustrantes, de que tentam enganar você o tempo todo."
Sting

I AM CRAZY FOR YOU.

ENERGIA QUE DÁ GOSTO.

NUMA LOJA PERTO DE VOCÊ

A estréia do hipercomentado SUEDE; o segundo dos soft-reppers do P.M. DAWN, *The Bliss Album...?: It's A Shame About Ray*, do grupo neo-hippie LEMONHEADS (com "Mrs. Robinson"); Meantime, grande álbum de 92 do HELMET; 12 Inches Of Snow, estréia da primeira estrela branca de ragga, SNOW; o "seminal" DINOSAUR JR. e seu último *Where You Been?*; Broken, industrial legal dos NINE INCH NAILS.

SÓ IMPORTADOS

DINOSAUR JR

Na crista do hype, o SUPERCHUNK vem com *On The Mouth*; o novo EP do SUGAR, *Beaster*; rap astral acústico no *Unplugged* do ARRESTED DEVELOPMENT; o novo álbum de DANIEL LANOIS (que já produziu o U2 e os Neville Brothers), *Fet: The Beauty Of Wynona*; o primeiro dos BUTTHOLE SURFERS por uma grande gravadora, *Independent Worm Saloon*; o promissor projeto de Perry Farrell, ex-Jane's Addiction, PORNO FOR PYROS; um dos melhores grupos "alternatives" de San Francisco, o AMERICAN MUSIC CLUB lança *Mercury*; as grunge girls das LUNACHICKS em *Bite Inge And Purge*; guitarras melódicas da Holanda, cortesia do BETTIE SERVEERT na sua estréia, *Palomine*; *Human Cannonball*, último do SCHOOL OF FISH; *Down With The King*, o retorno triunfal do RUN-DMC, com convidados como Public Enemy e A Tribe Called Quest; pulmões de aço e beats de primeira no solo de diva MARTHA WASH; e jazz-rap finíssimo do DIGABLE PLANETS em *Reachin'*.

É um encontro de titãs alternativos. O punk 90 Henry Rollins, da Rollins Band, se associou ao superprodutor Rick Rubin (Red Hot Chili Peppers, Mick Jagger, entre outros) numa nova gravadora independente. Os dois vão lançar (e relançar) só clássicos do rock radical, de New York Dolls a Misfits.

LL Cool J

Sony

LOGO MAIS

Nos próximos meses saem **Cyberpunk**, quentinho do forno de **BILLY IDOL**; afinal, o disco do **NEW ORDER**, **Republic**; o novo da **JANET JACKSON**, chamado singelamente de Janet – **In A Word Or 2**; o disco da rapper **MONIE LOVE**; o pop cabeça do **WORLD PARTY** em **Bang! Magic & Madness**; os "rushmaníacos" **PRIMUS** com **Pork Soda**; um ao vivo do **IRON MAIDEN**, **Real Live One**; e o último do galã do rap **LL COOL J**, **14 Shots To The Dome**.

Confirmadas as voltas de dois clássicos do rock. Um é o seminal, original, super-influente Velvet Underground, que inicia turnê européia 18 de junho em Paris. Grande questão: para que serve essa reunião, fora encher o bolso de Mo Tucker e Sterling Morrison e queimar o filme de Lou Reed e John Cale? Outro é o King Crimson. Robert Fripp reviveu a formação nos anos 80 de sua banda, com o rato de estúdio Jerry Marotta substituindo Bill Bruford na bateria.

I
GOT
THE
POWER.

ENERGIA QUE DÁ GOSTO.

Secos & Molhados

vespas marcianas cantando saci? glitter rock tropicalista? progressivo rebolante? Vinte anos depois, ainda não dá para definir os caras

Era 73 e a imprensa anunciava: o rei foi deposto. Roberto Carlos tinha sido superado em vendas pelos Secos & Molhados.

Bastava ligar o rádio para confirmar. O público, principalmente as crianças, adorou aqueles esquisitões vestidos de vespas marcianas rebolando feito uns alucinados e cantando músicas estranhas a respeito de sacis e fadas.

A febre Secos & Molhados durou pouco mais de um ano. Durante este período eles lançaram seu primeiro disco, causaram escândalo, lotaram todos os lugares onde tocaram, gravaram o segundo álbum e acabaram com o grupo.

Foi a trajetória mais surpreendente da história do rock no Brasil. RPM perde de longe.

A banda surgiu do nada, lançou seu disco com uma tiragem inicial de mil e quinhentas cópias e depois de seis meses chegaram à marca das quinhentas mil. Falava-se até em venda de oitocentos mil discos. Segundo a gravadora Continental, quando o segundo disco foi lançado, trezentas mil cópias foram vendidas antecipadamente. A banda era responsável por 90% das vendas da Continental, que colocou 21 das 24 prensas de sua fábrica trabalhando exclusivamente para eles

E a banda sonhava com o sucesso internacional. "Eu visualizei que eles poderiam ser tão famosos, ou mais, do que os Beatles", viajava o empresário da banda Moracy do Val na revista Veja. Pelas suas contas, os Secos & Molhados seriam "um dos dez grupos de música pop mais importantes do mundo ainda em 74".

O líder da banda, João Ricardo, tinha sua teoria: "Houve um grande estouro nos EUA, com Elvis Presley. Depois, outro na Europa, com os Beatles. O próximo teria que vir daqui, porque lá fora ninguém tem mais nada a dar". Ainda que uma legião de imitadores tenha aparecido na sequência, a banda tinha pouca ligação com o que se fazia no Brasil da época.

Estavam sincronizados com o glitter rock do Roxy Music, do T. Rex e outros. Mas nem eles próprios pareciam se dar conta disso (também ignoravam que ao mesmo tempo estava surgindo nos EUA uma banda com o mesmo conceito de maquiagem: o Kiss). Aparentemente ninguém do grupo conhecia muito mais coisas, além dos Beatles.

Para o baixista Willie Verdaguer (autor do arranjo de "Alegria, Alegria"), da banda de apoio, o que eles faziam era "rock progressivo". Mesmo assim, Willie acha que o som não era o mais importante: "O lance era o Ney Matogrosso". Perto dele, os outros integrantes da banda eram apenas parte do cenário. João Ricardo e Gerson Conrad podiam parecer andróginos, Ney Matogrosso era outra coisa, um bicho esquisito sem sexo ou origem definida. Seus gestos exagerados – herança talvez de sua experiência como ator de teatro infantil – lembravam feiticeiros africanos de filmes hollywoodianos, ou um pássaro assustado defendendo seu território.

Gérson Conrad, Ney Matogrosso e João Ricardo

A banda acabou quando o segundo disco chegou nas lojas, em agosto de 74. Brigas por causa de dinheiro e ciúmes. Ney Matogrosso se lançou como cantor de MPB.

Gerson Conrad tentou uma carreira ao lado de Zezé Motta e depois abandonou a música. As últimas notícias são que teria se tornado industrial e estaria fabricando latas decorativas. João Ricardo, dono da "marca" Secos & Molhados, tentou três vezes (em 78, 87 e 91) a volta da banda com outras formações, mas sempre quebrou a cara. Tem um disco inédito pronto para ser lançado. E vinte anos depois, o Brasil ainda continua esperando alguém tentar ultrapassar o fenômeno Secos & Molhados.

ROGÉRIO DE CAMPOS

Coisas estranhas acontecem com o DM: menos eletrônico e com um disco liderando

DEPECHE GRUNGE?

a parada nos EUA. Andrew Fletcher, porta-voz do grupo, verbaliza

Martin Gore, o pai de família, e Dave Gahan, encarnando um "hell's angel"

Warner

Desde *Violator* (90), foram três anos de silêncio. Fletch reclama: "Um ano passamos em turnê, outro descansando, o terceiro trabalhando no disco novo". Em termos pessoais, o ano de descanso foi movimentado: Fletch e Martin viraram pais, Alan Wilder produziu o Nitzer Ebb e relançou seu projeto "solo" Recoil. Dave descasou, casou de novo e se mudou para os EUA, onde deixou o cabelo crescer e as tatuagens se multiplicarem.

Grunge? Fletch ri: "É o que ele tem ouvido. E essas coisas sempre afetam o jeito que as pessoas se vestem."

Mas *Songs Of Faith And Devotion* (que entrou direto em primeiro nos EUA, algo inédito para o grupo) é puro Depeche Mode.

Com algumas diferenças. "Este disco é mais emotivo, mais espiritual." Como o título já diz, é um grupo de músicas que têm algo em comum.

Os temas prediletos de Martin: sexo, amor e religião. "Acho que o Martin escreve sobre assuntos que qualquer um entende e já viveu."

Só que desta vez ele cortou os extras e foi direto ao assunto: o homem como pecador, a mulher/amor como religião/salvação.

"É menos pervertido, não é?", brinca Fletch. "Bem o Martin é heterossexual, então... antes ele nunca deixava isto muito claro. Acho que o nascimento de sua filha o afetou bastante. Deu a ele algo em que acreditar."

Songs... segue a direção iniciada por *Violator*, numa música cada vez menos eletrônica. "A música eletrônica não é necessariamente fria e acho que provamos isso, mas queríamos algo um pouco mais solto. Sempre tivemos essas regras de não trabalhar com músicos de fora, não usar o mesmo som duas vezes. Não dava mais. Pela primeira vez usamos músicos – coro e cordas. Foi mais divertido."

Desta vez, o DM sairá pelo mundo com um espetáculo que certamente incluirá filmes feitos especialmente para a banda pelo fotógrafo Anton Corbijn – responsável por suas capas e vídeos.

E o Brasil? "Desta vez vamos mesmo."

Mas quem quiser ouvir velhos hits pode esquecer: "Eu ainda gosto muito de 'Just Can't Get Enough', mas não a tocamos mais. Senão viramos uma banda de cabaré, sempre tocando músicas velhas."

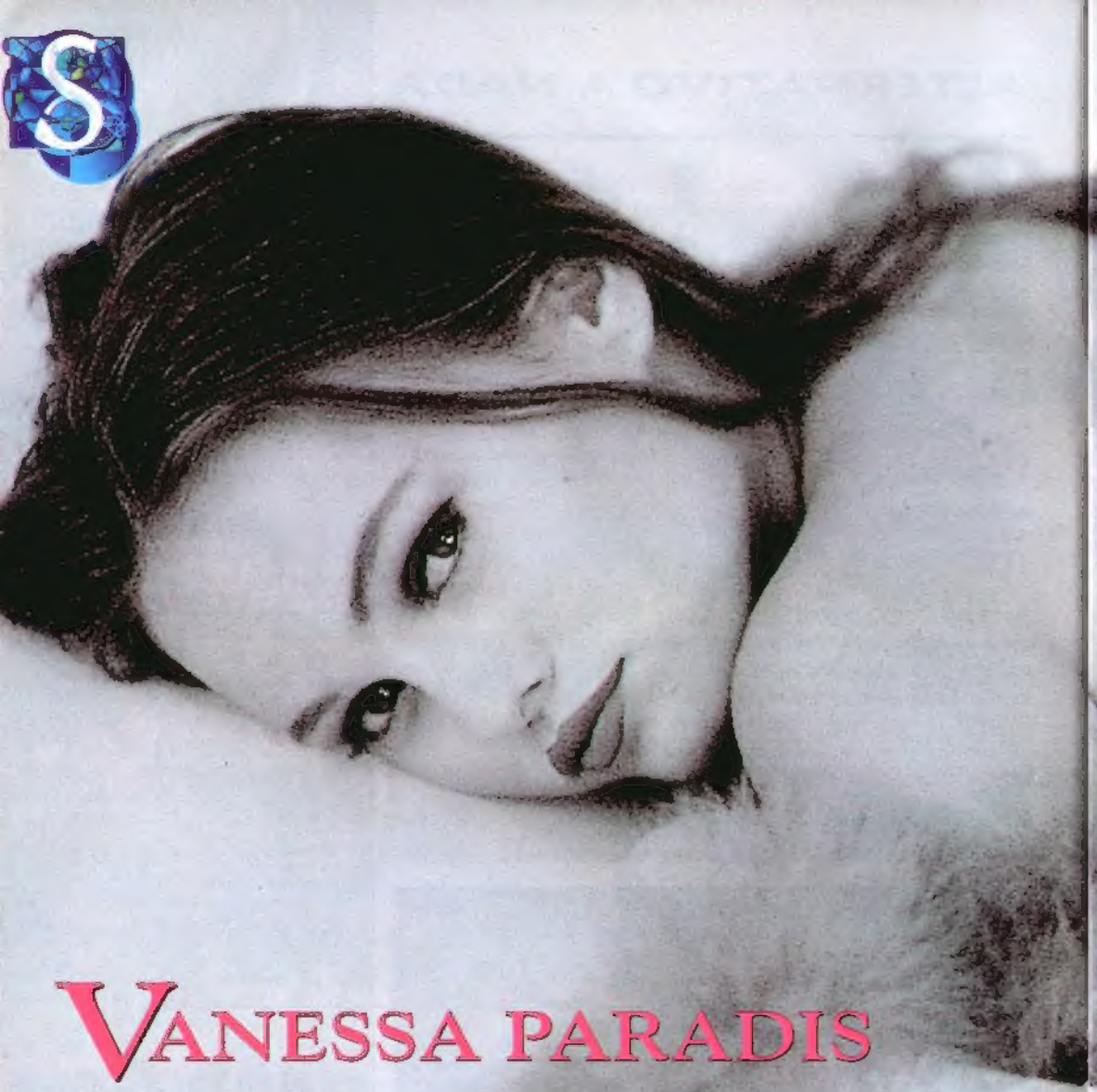
ANAMARIA G. DE LEMOS

ALTERNATIVO A NADA

Deve ser a lei da entropia ou algo assim, mas sempre dão um jeito de estragar o que é legal. Vide a escalação esquizo da terceira edição do "maior festival de rock alternativo do mundo", que vai cobrir EUA e Canadá a partir de 18 de junho, com show em Vancouver (e que pode ir a Europa até o fim do ano). Fechando todas as noites, há o **Arrested Development**, que de alternativo não tem nada: os caras venderam mais de três milhões de cópias, pô! Antes vem **Alice In Chains** (disco de platina), **Fishbone** e **Primus** (ambos com funk-progressivo maluquete, OK, mas não casa muito com arena aberta). Há ainda **Front 242** (desenterrado de tumbas belgas), **Rage Against The Machine** (americano e legal, vide última BIZZ; deve roubar o show) e **PJ Harvey** (banda inglesa e bem legal, mas nada de parar o trânsito). Segundo o porta-voz do Lollapalooza, Ted Mico, apesar do elenco de 92 ter Soundgarden e Pearl Jam, "nunca foi nossa intenção virar um carnaval de grunge". OK, mas ser eclético demais também não garante picas – tanto que Nirvana, Soul Asylum e Helmet se negaram a participar do festival desta vez.

Da série "e dura a vida de popstar": Michael Hutchence, do INXS, cercado por um mar de beldades em Paris

Sipa



VANESSA PARADIS

como a ninfeta de "Joe Le Taxi" virou fetiche pós-*flower power* diet

Vanessa Paradis, 19, parisiense de ótima família, é mais uma viva prova gálica de que nada como uma par de lábios aptos a um sublime *blow job* para transtornar o imaginário masculino.

Com corpo e voz de *gamine*, esta angelical pós-ninfeta pré-rafaelita transformou-se em símbolo nacional francês. Vende perfumes Chanel em clip de Jean Paul Goude (onde aparece engaiolada como uma fábula canora) e provoca furor no eixo Londres/Nova York/L.A.

Para conquistar o mundo e conquistá-lo agora, Vanessa só precisava de um disco em inglês com marketing global.

E foi assim que Paradis, criada por Zeus num dia em que Hera lhe soltou um tremendo *pillow talk*, desceu ao purgatório – também conhecido pela alcunha de Lenny Kravitz.

O sr. Kravitz não passa de um amálgama de três décadas de música afro-americana diluídas em um cone de sorvete. O álbum *Paradis/Purgatório* merece entrar em qualquer *Top Ten* contemporâneo de reciclagem pós-nada.

Em cada faixa temos Kravitz cometendo um arrastão em cima das Supremes, de Marvin Gaye, dos Beatles, de Miles Davis e até da santa Madonna – além de tocar todos os instrumentos. Em uma das faixas parece que desembocamos em *Revolver*. Em outra parece que regredimos a uma salinha da Motown, em Detroit. Apesar do ego do indivíduo – que trata a musa como um cafetão pigmaleônico com síndrome de Phil Spector – Paradis sai-se invejavelmente.

A única cover realmente creditada é uma versão de "Waiting For My Man". Neste colar de pérolas retrô, Paradis fecha o desfile de moda comparecendo em look pós-*flower power* diet e calcinhas boca-de-sino de rigor.

Não se trata de uma *pin up* de pendurar na parede. Mas aquela vozinha digitalizada, em fone de ouvido, como se viesse de uma jacuzzi em Versalhes, provoca estragos mais potenciais do que a boquinha carnuda. Este é um produto cultural vivamente recomendado a requintados fetichistas de todos os matizes.

PEPE ESCOBAR

alta rotação

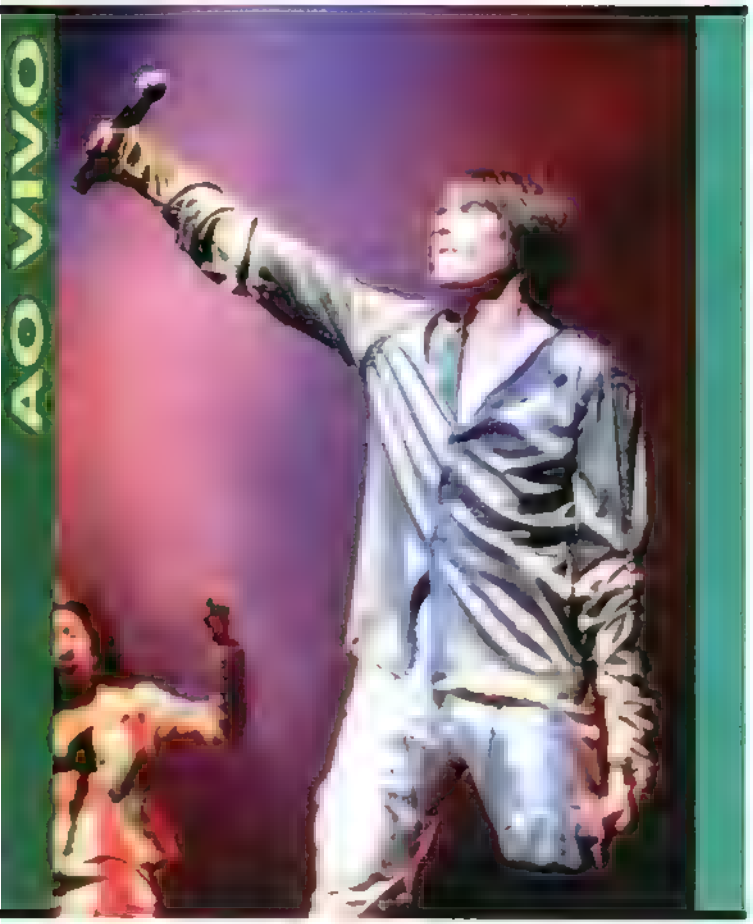
Dois dos melhores selos dance do momento têm suas primeiras compilações lançadas. O Union City Recordings, subsidiário da Virgin, traz em **Colours** nomes como **B.M.EX., TC 1992, MK** e **METROPOLIS** (que vão do trance ao garage). O Cowboy, independente, pátria do que vem sendo chamado de "house progressivo", em seu **Cowboy – The Album** mostra o talento de **ALOOF, SECRET LIFE, TALIZMAN** e **BOOMSHANKA**. Esses altos *grooves*, por enquanto, só importados. Invista que vale. *C.R.*

Saiu em agosto de 92 nos EUA, mas agora que es tá sendo lançado aqui. Fique esperto com o disco do **HELMET, Meantime**. É o máximo de peso por milímetro quadrado. Fora que deram o show mais animal que eu vi no ano passado (mais que Ramones e Ministry, acredite se quiser). *A.F.*

Uma geral completa nos primórdios do punk rock é o que promete a coleção **DIY**, lançada pelo selo americano Rhino. São cinco CDs: **Anarchy In The U.K./U.K. Punk I (1976-77), The Modern World/U.K. Punk II (1977-78)**, ambos com a nata da cena inglesa do movimento, além de outros dois localizando o embrião da chamada new wave – **Teenage Kicks/U.K. Pop I (1976-79)** e **Starry Eyes/U.K. Pop II (1978-79)**. Para fechar o pacote, **Blank Generation/The New York Scene (1975-78)** traz as origens da turma do *do it yourself*. *C.P.*

Rotação máxima é **Urban Discipline**, o novo petardo do **BIOHAZARD**. As letras dos caras são, provavelmente, as mais lúcidas do metal moderno. Atacando fascistas, grandes gravadoras e a justiça americana eles descascam uma porradaria de primeira. *C.E.M.*

Justa Causa, Barata Oriental, Solon Fishbone e Los Cobras já garantiriam sozinhas o título de "capital brasileira do rock'n'roll" para Porto Alegre. Agora a demo de **NEY WAN SORIA** (ex-guitarrista dos Cascavelettes) tira a dúvida de qualquer um. São três faixas e a primeira, "O Bem", é do cacete. O endereço do sujeito é: R. Comendador Coruja, 195, Porto Alegre (RS). *R.C.*



um ícone da new wave se adapta (bem) à onda acústica

O que dizer dessa mania acustica nos ultratecnológicos anos 90? Um artista faz sucesso e de repente botam ele para fazer um show intimista, tiram todas as tomadas e lançam o disco com essas versões "básicas", sem o glacê do estudio.

Saem coisas interessantes, mas o que vem por trás irrita, o discurso babaca de autenticidade, de raizes, de provar que "o cara toca mesmo". A real mesmo é que agora as gravadoras têm mais uma fonte de rendimento de um mesmo produto.

Dá para sentir até que ponto chegou a onda "acustica" (deflagrada pelos especiais da MTV), quando uma banda como o DD resolve passar por essa praia. Lembra do começo dos anos 80? Nos seus melhores anos o DD representava exatamente o oposto de qualquer conceito despojado e de raiz: glamour, superprodução, cuidado máximo com a imagem (tão importante quanto a musica), polimento total etc.

O DD ainda não gravou nenhum "unplugged" para a MTV, mas emprestou a ideia para sua nova turnê. Combina com o tipo de local pequeno e shows mais "intimos" que a banda está fazendo. Eles declararam que não querem mais fazer shows em arenas gigantescas. É sensato: eles estão de volta às paradas, tudo bem, mas não é bom dar um passo maior que as pernas. Este show é dos primeiros de uma excursão que incluirá Europa, EUA, Austrália, o de costume. Eles vêm para a América do Sul também, só que por cima de nossas cabeças e direto para a Argentina. Alguém acha que não vale a pena trazer DD ao Brasil? Onde estamos, meu Deus!

Com tanto dedilhado de violão, violoncelos em vez de teclados e outras novidades não-eletrônicas os hits do DD se transformam totalmente. Do novo e irregular disco eles tocam entre outras "Ordinary World" (uma balada maravilhosa), "Too Much Information" e "Come Undone".

Mas são os grandes sucessos de antigamente que estremecem o coração e as pernas da galera. "Planet Earth", "Rio", "Save A Prayer", "Girls On Film", "Notorious" etc. De cara soa tudo muito esquisito, algumas versões ficam mais para o curioso do que o revolucionário (a essência futurista de "Planet Earth" se perde sem todos aqueles teclados), mas o balanço final é positivo.

O publico não está cheio de menininhas histéricas gritando. Pô, o Duran Duran tem mais de doze anos de carreira. As menininhas já estão na faixa dos vinte... apesar de que continuam gritando bastante.

A apresentação foi um sucesso total como estão sendo todos esses shows em lugares menores, mais intimistas e acusticos. Para quem cresceu vendo as divertidas megalomanias tipo *Arena* pode parecer estranho. Mas daqui em diante, não tem como ser de outro jeito.

DURAN DURAN
Dominion Theatre, Londres

CAMILO ROCHA

Aerosmith
CONTROL

Mais de vinte anos após fundar a banda-mãe do hard rock moderno, Steven Tyler assume as responsabilidades de roqueiro quarentão

por JOSÉ EMILIO RONDEAU

"Espero que a gente consiga mudar a sociedade, educando as pessoas desde cedo a respeito das questões sexuais e dos perigos das drogas."

O músico faz uma pausa para observar o trânsito de fim de tarde se acumulando em Sunset Strip. "A sociedade está repleta de cínicos", ele continua, "que sabem o preço de tudo e o custo de nada. Só espero que a mudança seja para melhor."

Quem mistura frases de estadista com filosofia de botequim nessa tarde de inverno em West Hollywood é Steven Tyler, compositor, cantor e símbolo sexual do Aerosmith. Um quinteto de Boston que sobreviveu aos rigores da estrada, a uma fase inicial sob a sombra dos Rolling Stones e a seu próprio apetite por destruição.

Hoje, quase um quarto de século depois de sua formação, o Aerosmith vale quarenta milhões de dólares na bolsa de cachês fonográficos – o valor pago pelo grupo Sony para tirar a banda do elenco da gravadora Geffen.

Aos 45 anos, Tyler é apenas um ano mais moço que o novo presidente americano, mas – sobre a sabedoria da cabeça e do corpo que já foram bem rodados – tem o entusiasmo e a atitude de um adolescente.

É uma visão por vezes paradoxal participar de uma conversa com Tyler. Os vincos profundos no rosto contrastando com os cabelos tingidos de castanho, as caras e bocas, os gritinhos ocasionais, os anéis nos dedões das mãos, as sapatilhas de polichinelo, tudo cheira levemente a Spinal Tap – a banda inglesa de mentirinha criada no cinema para satirizar os grupos de rock que se dão importância demais.

Mas a vitalidade que gerou clássicos do rock dos anos 70, como "Dream On", "Back In The Saddle", "Toys In The Attic" e "Walk This Way", claramente ainda reside em Tyler. E Steven, ademais, não se leva muito a sério – você precisa ver Steven Tyler imitando Steven Tyler para acreditar nisso.

Hoje, Bill Clinton está apresentando seus planos para mudar os EUA. Enquanto isso, Steven está passando o dia nos escritórios da Geffen, dando entrevistas para divulgar *Get A Grip*, o penúltimo álbum do Aerosmith para a gravadora antes de se mudar de vez para a Sony. É o começo do fim da associação da banda com a Geffen, que patrocinou o "renascimento" do grupo – a volta à ativa e ao topo das paradas, depois de uma fase sombria de desentendimentos, mera falta de inspiração e exageros etílicos e químicos. Não foi à toa que Tyler e o guitarrista Joe Perry se apelidaram de Toxic Twins, autogozação com o pseudônimo como produtores de Jagger e Richards, Glimmer Twins.

> "Chegamos a pensar em gravar um disco ruim. Mas seria sacanagem demais com os fãs!"

Agora, faltando apenas mais um álbum para cumprir o contrato com a Geffen, começa uma nova fase para a banda. Compreendamos, portanto, a "filosofagem" de Tyler. Sua cabeça está ligada na mudança. O Aerosmith de hoje é a Fênix de suas próprias cinzas. Como a América de Clinton, o grupo está se reconstruindo.

> "Quanto mais você sangra numa gravação, melhor fica... então este deve ser nosso melhor disco."

"Passamos por um... *desnível*", ele amortece. "Mas reencontramos nossa essência básica. Hoje, somos muito diferentes do que éramos no começo. Dizer 'foda-se!' um para o outro, não funciona mais. Não damos mais bola para um monte de bobagem que pode atrapalhar a vida da gente – ou então, atacamos o problema assim que ele surge. E isso só nos fortalece."

"Estou certo de que seria capaz de lançar um disco solo amanhã, se quisesse. Mas ainda gosto de foder com a cabeça de Joe Perry."

Get A Grip é o estágio mais recente deste coito mental. E, pelo que Tyler conta, foi o disco mais difícil de se fazer de toda a carreira da banda. Para que *Get A Grip* ficasse pronto e a contento de todos, a banda teve de compor e gravar o equivalente a dois álbuns.

"Compusemos um monte de canções", ele recorda, falando das sessões de gravação com seu tradicional produtor, Bruce Fairburn, nos estúdios da A&M, em Los Angeles, "e não eram más." Ele silencia temporariamente. "Eram boas canções, politicamente – abre aspas e fecha aspas – corretas, mas precisávamos de algo mais arriscado, algo mais profundo. *Sabíamos* que o disco ainda não estava pronto."

"Curiosamente, nosso produtor estava pronto para lançar aquele disco, embora Joe e eu desejássemos ter um pouco mais de tempo para continuar trabalhando nele. Até que, durante uma audição no departamento artístico da Geffen, percebemos que (ele pára e não encerra a frase)... e pedimos mais três meses. Eles toparam."

Em questão de horas, Tyler estava com Joe no porão da casa de Perry, compondo novas músicas, parindo o material que, enfim, iria para o novo álbum. "Amazing", prima-irmã de "Dream On", soa quase como se Tyler estivesse sendo acompanhado pelos Moody Blues; "Walk On Down", é uma das raras ocasiões onde Joe canta o vocal principal; a instrumental "Boogie Man", trata-se de um "acidente" de estúdio que, apesar do título, não tem nada de previsível. Há ainda a "épica" e "progressiva" "Livin' On The Edge" e a balada pesada regulamentar, "Cryin'".

"Por outro lado", diz Steven, "tem muita coisa boa daquelas sessões da A&M que ficou de fora e que esperamos usar algum dia – "Dimestore Lover", "Black Cherry", "Meltdown", umas cinco músicas que ainda não estavam prontas." Ele pára antes de recomeçar a falar. "Às vezes penso que, quanto mais sangue você derrama no estúdio, melhor fica o disco. Se for assim, este é o melhor de nossa carreira."

Há quem diga que a história toda não foi bem assim como Tyler romantiza. Em vez de a banda ter perdido mais tempo para gravar um disco melhor, a própria gravadora teria rejeitado a primeira leva de canções e exigido que o Aerosmith recomeçasse tudo, do zero, insatisfeita com a qualidade do "primeiro" disco.

Faz sentido, a teoria: gravar discos nas coxas, só para se livrar de um contrato, é tradição no rock – que o digam Mick Jagger e seu infame "Cocksucker Blues". Só que, dessa vez, a gravadora teria contra-atacado.

"Chegamos a pensar nisso", admite Steven, "consideramos a possibilidade de fazer um disco ruim, mas isso seria ignorante, inescrupuloso. E os fãs do Aerosmith? Eles não têm a obrigação de entender que estavam comprando um ato de agressão a uma gravadora. Para eles, o disco seria apenas uma merda!"

"É uma questão de peixes graúdos e peixes miúdos", filosofa Tyler de novo. "Muitas vezes, somos apenas os peixes miúdos, os caras que compõem as músicas. E tem um monte de peixes graúdos nadando ao nosso redor, só sacando, ligados no fato de que estava para expirar nosso contrato com a Geffen. A CBS, do grupo Sony, foi uma delas. São nossos velhos amigos. E o pavio já estava aceso: toda vez que saía um disco nosso pela Geffen, a CBS vendia mais uns dois milhões de discos de nosso antigo catálogo."

"Isso tudo é a banda indo adiante, caminhando para a frente. A vida é uma jornada, não um ponto de chegada", conclui Steven Tyler – com a derradeira frase de efeito daquela tarde.

O QUE É MPB

Nem rock, nem rap, nem metal. Nem maracatu, samba ou axé. Entra de tudo um pouco no caldeirão da nova MPB – a Música Pop Brasileira do fim de século

Os números falam – e falarão alto ao longo das próximas páginas – mas para começar basta um bombástico: entre janeiro de 92 e abril de 93, contabilizamos 182 lançamentos de artistas emergentes/iniciantes/francamente desconhecidos

Isso dá uma média de 11,3 por mês. E isso só em vinil, cassete e CD. Sem contar as fitas demo, que estão cada vez mais profissionais.

Quer dizer, tem gente (ainda) desconhecida neste país fazendo música variada, impactante, heterodoxa e, principalmente, legal. Mais que isso: tem *muita* gente nessa praia, que vai da timbalada ao heavy metal, dos pampas aos mangues e além – incluindo aí fusões improváveis como forró/punk, pop de FM/maracatu e samba/reggae

No meio disso tudo, tem gente copiando astros estabelecidos, e sim, tem gente copiando artistas gringos. Mas também há um volume espantoso e crescente de grupos fazendo música original, interessante, diferente de tudo que veio antes e tudo que vem de fora. Com linguagem própria, mesmo que às vezes a língua seja o inglês.

É uma trombada peculiar. A merda econômico-institucional permanente fez falir o sonho tradicional de ascensão da classe média (escola/faculdade/trabalho/carro do ano & casa na praia, se Deus quiser). Ao mesmo tempo, uma geração que aprendeu a falar "inflação" ainda no berço está chegando à adolescência. Quem nasceu no ano da abertura, 79, hoje tem catorze anos (idade certa para pegar na guitarra, aliás).

É com esta moçada – o único segmento do público para quem música é uma questão de vida ou morte, seja hoje ou no século 30 – que os novos artistas têm que se comunicar. É um público que não lembra do tempo em que não existia videogame e era criança quando o RPM lotava arenas. Que considera um mero fato da vida ter CD importado a preço de nacional e a MTV bombardeando música dia após dia.

Vejam só que combinação promissora. De um lado, a falta de perspectivas da "crise" – de que ninguém agüenta mais ouvir falar e já virou desculpa para tudo, de incompetência à falta de ousadia e imaginação. Do outro, o horizonte infinito de perspectivas da adolescência/juventude. E é infinito mesmo: eis o Sepultura, ícone dessa geração, provando ser possível sair da garagem para o mundo.

Esse mix tinha que render alguma coisa, e está rendendo. Melhor ainda, a indústria da música está tendo que se adaptar voando aos novos tempos. Entre o futuro hipertecnológico e o presente sem grana, a Bélgica e a Índia, as possibilidades mirabolantes e as necessidades de um mercado que começa a alçar vôo, está a nova MPB – agora, Música Pop Brasileira.

Não é legal? *ANDRÉ FORASTIERI*

AS GRANDES SE MEXEM

Foto: Fly Mercúrio

Skank: de um CD autobancado para o contrato com a Sony

BMG-Ariola, PolyGram e Sony investem em selos para novos nomes

Acreditando no reaquecimento do mercado e sobretudo no poder de compra do consumidor jovem, as *majors* (ou pelo menos aquelas em melhor situação financeira) já começam a abrir as comportas e aplacar a seca que quase sepultou o rock nacional durante a década de 90.

No passado recente, até as companhias "modernhas" como a Warner tiveram que se adaptar à careteice generalizada. Quem se fortaleceu com isso foram os selos independentes, alguns criados por gente grossa das multinacionais, com uma formação diferente do estilo anárquico que caracterizou as indies nos anos 80. Tinitus e Natasha são dois exemplos dessa nova filosofia, que alia o espírito combativo indie às estratégias de marketing das "grandes" gravadoras.

A eles vem se somar o novo empreendimento do ex-diretor artístico da PolyGram, Mayrton Bahia. Seu primeiro lançamento será o bom grupo de rap Artigo 288, em junho, mas a área de atuação do selo – que deve ser distribuído pela própria PolyGram – vai abranger todos estilos pop.

Outra novidade para este ano é o surgimento de selos internos nas gravadoras, uma espécie de grife para novos artistas com pessoal próprio e divulgação segmentada.

No Brasil há o precedente do Plug, lançado em 86 pela atual BMG-Ariola, um saco de gatos em que se misturavam Black Future e Garotos De Rua e os então iniciantes Engenheiros Do Hawaii. Agora sob o comando de Luiz Oscar Niemeyer (conhecido por promover o Hollywood Rock), a BMG-Ariola anuncia a reativação do Plug, com a mesma orientação variada de sua primeira fase.

Já a Sony está implantando por aqui o conceito do selo americano Chaos, com a proposta de lançar novos nomes sem o compromisso do sucesso a curto prazo. Segue a diretriz mundial que em três anos mudou o perfil da gravadora, respaldada por bandas como Pearl Jam e Alice In Chains. O Skank dá o pontapé inicial do Chaos na versão nacional e será seguido pelo rap de Gabriel Pensador, produzido por Fabio Fonseca.

Outro na mira do selo é Paulinho Moska, ex-Inimigos Do Rei, agora na gravadora Natasha. O diretor de marketing da Sony, J.A. Eboli, já pensa em estender essa segmentação também aos pontos de venda, para garantir a agilidade necessária a esse tipo de produto.

Os indícios são bem fortes. Dessa vez a luz no fim do túnel não é um caminhão na contramão. *CLÁUDIO CAMPOS*

O NOVO MERCADO

Foi uma idéia esdrúxula de produção estafante – mas conseguimos contabilizar nos últimos catorze meses, 188 lançamentos de artistas novos ou pelo menos não estabelecidos (isso quer dizer que Sepultura e Engenheiros não entram). Fitas demos também não valeram. Abaixo, o resumo da ópera

Entre janeiro de 92 e maio de 93 foram lançados 188 trabalhos de novos nomes

130 álbuns
41 compactos
5 cassetes
12 CDs

6 gravadoras lançaram CDs
3 apenas compactos
1 apostou no formato cassete

Das gravadoras pesquisadas:
19 São Paulo
3 Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba
2 Porto Alegre, ABC paulista
1 Salvador, Vitória, Natal

Os gêneros mais fortes em número de lançamentos:
73 metal
20 rap

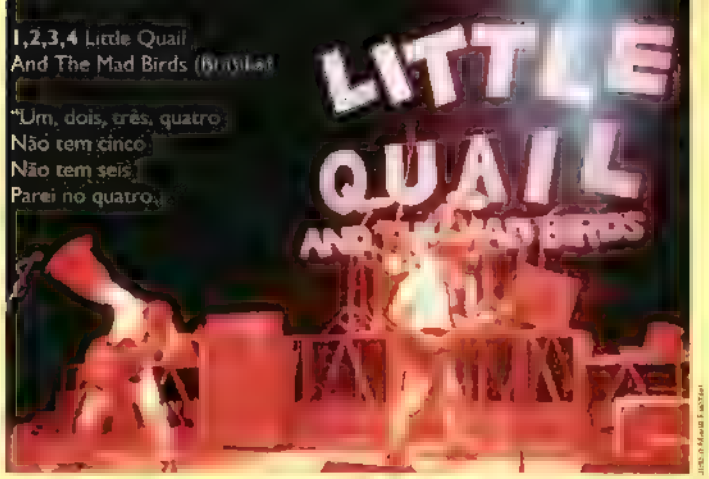
110 bandas gravaram em inglês

13 bandas tocaram na programação normal das FMs "rock" de São Paulo

As gravadoras com maior número de lançamentos:
19 Cogumelo
14 We Love Money Corporation
13 Bloody
10 Cri Du Chat
9 Hellion
8 Whiplash
7 Dynamo
6 Kaskata's
6 Tinitus

Simone, da brasiliense P.U.S.: metal é o gênero mais popular

5 LETRAS DE GENTE QUE NUNCA GRAVOU



QUASE UM DISCO

As fitas demo se profissionalizam estética e comercialmente

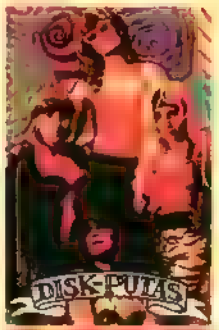
Até um ano atrás, no máximo 10% das fitas demo que chegavam na redação davam para ouvir – no sentido meditativo do coisa mesmo.

Bolas, só uma minoria tinha capinhas bem-produzidas e um padrão no mínimo razoável de gravação. E geralmente as melhores bandas compareciam nas piores condições.

Hoje as coisas melhoraram. E muito! Quase tudo é ouvível. Muitas bandas são coisa fina. Prontas para lançar um disco – não é por menos que a música brasileira voltou a dar sinais de vida. Com capas e gravações beirando o profissionalismo, as fitas demo praticamente viraram protótipos de discos e são vendidas, na sua maioria, pelo reembolso postal.

O melhor é que as cópias de Legião Urbana, RPM, Titãs e Sepultura estão desaparecendo. Dão lugar a estilos originais – como o forró-core dos Raimundos, o manguebeat de Chico Science & Nação Zumbi e o caravá metal da Gangrena Gasosa – e, pelo menos, parecem estar retomando o português como língua em letras bacanas. Ainda bem!

CARLOS EDUARDO MIRANDA



SE ARREPENDIMENTO
MATASSE Graforréia Xilarmônica (Porto Alegre)
"Se arrependimento matasse,
hoje eu estaria
num cemitério qualquer
Apodrecendo de raiva
e também fazendo força,
para abrir o caixão e retornar"

PEGUE SANTO OR DIE
Gangrena Gasosa (Rio)
"O meu skate não tem rodas
Tem rodelas de cebola
O meu skate não tem shape
Ele é feito de barro
de tigela de macumba"

BRASIL PAVÃO Tiroteio (SP)
"Você já viu um pavão?
Belo leque
Você já olhou para os seus pés?
Feios pés
Brasil, é isto que tu és
Visto de cima, belo leque
Visto por baixo, feios pés"

NÊGA JUREMA Os Raimundos (Brasília)
"Nêga Jurema veio descendo a ladeira
trazendo na sua sacola um saco de Maria Tonteira(...)
quando vieram os soldados se dizendo avisados
E começaram a atirar (...) FUMÊ, FUMÁ!
– Não é flor de intestino, é um matinho nordestino
que a senhora vai queimar
– Faz um bem pra diarreia, para o velho e para a velha, faz um morto suspirar
– Faz um bem para as artrites, febre ou conjuntivite faz qualquer mal se curar
CUMÊ —> CAGÁ!
VIVÊ —> FUMÁ!
São leis da Natureza
E ninguém vai poder mudar"

Sucesso? Uma carreira bem planejada? Mercado internacional? O DeFalla é a antítese disso tudo – e não só se deu bem, como virou até (anti) exemplo para muita banda nova

O que Edu K, Raul Seixas, Miles Davis e Serge Gainsbourg têm em comum? É que eles estão vivos nos nossos corações, seus ingratos.

Apesar do pai do rock brasileiro (Seixas), do padrinho do jazz elétrico americano (Davis) e do fodão do pop-putaria francês (Gainsbourg) já terem batido as botas, a (má) reputação deles está vivinha da silva. E o DeFalla vai no bom caminho.

Essa gente viveu o que o Paulo Coelho chama de "lenda pessoal", ou seja, fé em Deus, pé-na-tábua e um solene pau-no-cu das expectativas/cobranças alheias. Venham elas do patrão, do público ou da mãe deles – ou da sua.

O rock'n'roll é um negócio esquisito. Faz propaganda de uma coisa chamada "atitude" – que permite que o Axl Rose arremesse cadeiras e Mike Patton pedestais de microfone. Mas a maioria dos "stars" não passa de refém do interesse de empresários, *managers*, advogados, *drug dealers* ou o escambau (até de Jesus Cristo, como diria o Renato Russo). Quem era ver o Axl jogar a cadeira na cabeça do milionário dono da Geffen, quando ele está enchendo o saco só porque não quer um disco quíntuplo.

No Brasil, país bunda mas com pretensões a bacana, a coisa é mais cavernosa ainda. Qualquer autoridade fardada se acha no direito de discutir seu direito de ir e vir. O que não dizer de um executivo de gravadora, que quanto menos é do ramo (você já notou as babas que eles lançam? Você já notou as maravilhas que eles ignoram? Você sabia que o RPM voltou pela quarta vez?), mais tenta empulhar os outros com seu "marketing". E quem não sabe, manda.

E quem não obedece, fora. O índice "The Fall" de teimosia (quantos discos você lançou vezes o número de gravadoras diferentes, dividido pelos anos de carreira) dá um excelente rendimento para o DeFalla: cerca de 1,5 – muito melhor que Paralamas (0,6), Barão (0,7) ou Titãs (0,8). Selo independente ou não, tanto faz, porque no fundo é tudo comerciante (desculpe aí, Luis Calanca, você não é, mas me deixe polemizar).

Se computarem as gunadas de estilo, então, nem se fala. É aí que Edu K e seus asseclas me lembram o Miles e o Gainsbourg, para não insistir nas evidentes afinidades com o Raulzito (índice "The Fall": 4,0!). Miles até hoje dá dor de cabeça nos críticos puristas de jazz. Gainsbourg fez motel-brega antes do Wando e de Roberto Carlos, a "Marselhesa" em ritmo de reggae, funk sadomasô de deixar o Prince branco.

Eu também sou daqueles que decretaram o fim do DeFalla, quando eles puseram para fora a baterista Biba e foram expulsos da RCA. Não digeri o disco podreira lançado pela Devil e o primeiro pela Cogumelo. Só para arrotar aquele orgulho ufanista quando os caras, afinal, pisaram o palco do Hollywood Rock, sem perder seu humor escroto e provocador. É que crítico também é público, portanto também é burro (e quanto menos platéia pretende ser, mais prepotente e *mais burro* fica). Agradeço humildemente a paciência do DeFalla em me explicar.

Aliás, em nos explicar: olho aí no (anti) exemplo, pessoal das bandas novas. Começar bem, um monte de gente já começou. Resta saber como resistirá às pressões da indústria, da afoiteza, da falta de grana e de auto-estima. Em três ou quatro anos a gente calcula o índice "The Fall" de vocês. *ALEX ANTUNES*

4 GRUPOS BAIANOS QUE TÊM TUDO PARA EMPLACAR NO SUL

COMPANHIA CLIC Banda que revelou Daniela Mercury, a Companhia Clic também bebe na vertente pop. Esta gravando o seu quarto disco – o segundo com a nova cantora, Carla – e estréia na PolyGram.

CHEIRO DE AMOR Faz muito sucesso no Nordeste e ameaça extrapolar nacionalmente, com uma falsa loira – Márcia Freire – como vocalista. Não está muito longe da média dos grupos de axé, mas se diferencia pelo carisma da cantora. *Bahia* (PolyGram), o quinto disco, vendeu 50 mil cópias em dois meses.

BISS Com apenas um disco, a Biss (bom nome, não vamos processar não) ainda está em busca de identidade musical, mas recusa a fórmula "axé-music". Destaque para Vânia Mercury – irmã mais nova de Daniela que, ao contrário do que se possa supor, não pega carona no sucesso da irmã, tendo começado bem antes e apadrinhado a própria no circuito de bares de Salvador ainda em 87

BEIJO É atualmente quem melhor mistura o pop com as influências afro-caribenhas, sob a liderança do vocalista Netinho. O quarto disco (a banda foi criada em 87), *Axé Music*, vendeu 80 mil cópias (dados da PolyGram), emplacou no Rio e tem uma música na trilha da novela *Mulheres De Areia* – "A Vida É Festa". Por problemas com o bloco, a banda está abandonando o nome Beijo.

Netinho, da banda Beijo: fã de Sting e dos Paralamas

CARLINHOS BROWN INAUGURA HOJE O POP BRASILEIRO/INTERNACIONAL DO FUTURO

Uma variante ainda desconhecida de um vírus nacionalista, em alguns aspectos parecido com o do Tropicalismo, está se disseminando no Brasil: a epidemia "pipoca moderna" no bairro do Candeal, Salvador, Bahia.

O vibrião da doença – contagiosa – já foi localizado: se chama Carlinhos Brown e já teve várias passagens pelos laboratórios de geléia geral e de batmacumba na África, na Europa e nos EUA.

Apesar das timbaladas que Carlinhos vem causando, fracassaram até agora todas as tentativas de isolá-lo: "Esse rótulo de *world music* coloca a gente num padrão de desqualidade diante do Primeiro Mundo. É o rótulo da pobreza, da música desdentada."

Mas a conversa vai mais longe: será que o Brasil só vai retumbar na linha de frente do mercado mundial com as distorções do Sepultura? Ou com os *feelings* de Morris Albert? Ou no banco de trás de David Byrne e Paul Simon, entre araras e jibóias coloridas? "Não! Como Cazuza disse, está na hora do Brasil mostrar sua cara mesmo. Acho que o país teve até vergonha de fazer isso e pintou a cara. Esse Brasil ainda está para nascer. Como é que a gente pode ficar nessa idiotice, babando ovo para gringo a vida toda?"

Desde que inventou o bloco Vai-Quem-Vem e depois a timbalada (investindo do próprio bolso para atrair os meninos do Candeal em torno de suas idéias), Carlinhos Brown vem ralando para não cair nas armadilhas do mercado. E admite que nem sempre dá certo: "As pessoas não estão acostumadas ao meu tipo de arte no Brasil, ao que eu chamo de *pop chão* e não de *pop star* . E aí, nego fica naquela de 'pô, lá vem mais uma batucada da Bahia...' "

Assumindo a carapinha entre os caras-pálidas – mas deixando claro que é contra qualquer diferenciação racial –, Carlinhos quer resgatar o batuque: "Se não quiserem aceitar nossa música, então deixem a gente em paz que nós temos como sobreviver." Uma forte evidência de que ele não está delirando veio com o Grammy de melhor trabalho em... *world music*, entregue ao brasileiro Sérgio Mendes pelo disco *Brasileiro*: Carlinhos Brown e seus discípulos aparecem em cinco faixas. E o "faça-a-coisa-certa" começa dentro de casa: "Pode vir imposto de renda, o que for, mas cada um dos meninos que tocam comigo ganha cem dólares por show. Tem que acabar essa história de ficar aproveitando a miséria dos outros para sobreviver! Na Bahia tem muito disso: 'Ah, eu estou fazendo um negócio de menino de rua...' Zorra! Isso já era!"

As antenas dessa galera estão de pé, alimentadas por um interminável trabalho de pesquisa: "Ouvimos muita coisa – Salif Keita, CDs de Gana, sons do deserto da Mauritânia. Eu falo para os meninos que nossos ancestrais vêm daquilo e eles ficam arrepiados Por isso, os timbaleiros vêm se comportando como músicos universais, não apenas como regionais. O Bill até hoje me manda muita coisa" (Bill Laswell é um dos superprodutores da... *world music*. Foi ele quem "descobriu" Carlinhos, no álbum *Bahia Black*) .

Para Carlinhos, a revolução não é localizada, não é só verde e amarela, nem branca, nem preta: "Nova York é perto, são oito horas de viagem. É tudo perto hoje em dia, é tudo rápido. A gente precisa ter essa consciência, senão seremos sempre tratados como primatas. Daqui a pouco a gente não vai mais ter esse estereótipo de confronto, de Chuck Berry e Elvis Presley, Mariah Carey e Whitney Houston, Daniela Mercury e Margareth Menezes. O que vai valer é a competência, o mundo começará a entender que é necessário vir dos dois lados. A caretice está acabando. Até nos bailes *black tie*, nego não está mais usando branco e preto: vai de grunge mesmo, vai como quer. As farsas estão caindo."

"Quando eu era garoto, uma das boas referências de vida que tinha era o desenho *Herculoides*, na TV. Porque era futuro e era passado juntos. E você no meio, vivendo aquilo, no presente. Eu sou muito 'Herculóide' até hoje." Ou eu muito me engano ou esse cara ainda será nosso super-herói. *OTÁVIO RODRIGUES*

TOCANDO O BARCO

Uma amostra rápida do crescimento no mercado de instrumentos no ano passado, em comparação com 91

GIANNINI Tradicional fabricante de guitarras, baixo, violões elétricos. Vendas cresceram em 10%

CLAVE Importadora da Giannini. Vendeu 20% a mais de guitarras e baixos Fender Baterias Remo, mais 10% E aumentou em 50% as vendas de acessórios para percussão (peles e ferragens da Remo, pratos e baquetas da Zildjian)

FISCHER Fabrica as baterias Fischer, Stage e, desde 90, a Aerosom.

TAGIMA A produção de guitarras aumentou 25%

CASA TOMMASI Uma das maiores e mais tradicionais lojas de instrumentos de São Paulo. Suas vendas cresceram 17,5% no ano passado. 60% dos instrumentos vendidos pela loja são importados, 40% nacionais

MÚSICOS Talvez a melhor loja de instrumentos paulistana Quintuplicou suas vendas no ano passado. A participação dos importados nas vendas é de 90%. Representante das baterias Pearl no Brasil

ROLAND Comercializa instrumentos feitos na Itália e no Japão. Registrou vendas 50% maiores na comparação de 92 com 91

GOPE Baterias e instrumentos de percussão. Cresceu 20% de 91 para o ano passado

Okotô: destaque como clip

CLIPS DE GENTE NOVA QUE ESTOURARAM VIA MTV

VIRNA LISI "Esperar O Quê?"

OKOTÔ "Give Me Your Money"

DEFALLA "Screw You"

BEIJO AA FORÇA "Primeira Aula De Cartografia Aplicada"

VIPER "Rebel Maniac"

DANIELA MERCURY "O Canto Da Cidade"

YO-HO-DELIC "Brazil Banana Samba"

A MTV brasileira virou "a" meca: estabeleceu padrões de imagem e de comportamento, criou uma sofisticada consciência de imagem entre quem está começando e estimulou uma geração de clipeiros competentes

Sumner Redstone. Esse é o nome. Se você não sabe de quem se trata, é melhor ficar sabendo que ele é o direto responsável pelo mega-sucesso de nomes como Michael Jackson, Madonna, Duran Duran e, ultimamente, anda se saindo muito bem com algumas "novidades", como Pearl Jam. Não, o cara não faz clips, mas com certeza sem ele dificilmente você saberia o que é um. Sumner Redstone é o sócio majoritário, mentor e a coisa mais próxima de um "dono" da MTV Internacional.

Antes de qualquer saudação ou vaia para Redstone, é melhor encarar logo o fato: hoje em dia seria quase impossível pensar o mundo da música sem MTV. Todos precisam dela. Eu, você, Bruce Springsteen... Com a esperta idéia de criar um canal voltado para o publico jovem, a MTV se tornou o único veículo que funciona assumidamente como uma vitrine: você liga, vê, ouve. Se gostar, compra. Mas além de servir como um ponto de venda, por vezes a TV de Redstone acaba também "criando" para a industria. Algo que ultrapassa – e muito – a região de Seatlle.

Por ser uma rede mundial, todas as MTVs têm que suprir a necessidade, grande ou pequena, de artistas locais. Ou seja, além de Guns N'Roses, o público precisa também de Cristina, a estrela da Tailândia, Cuijun, o maior guitarrista de Hong Kong ou, no nosso caso, Okotô, Yo-Ho-Delic, até Daniela Mercury. No processo, cria-se uma leva de clipeiros competentes. Já se destacam – entre outros – Macarrão ("Brazil Banana Samba"), Xocante ("Gimme Your Money"), Sérgio Nedal ("Vento Ventania"), a produtora Conspiração ("Criança"), MC Fernandes ("Gita", com o RPM), Valério Azevedo ("Ao Meu Redor").

Como estes clips entram na programação? Na MTV brasileira, segunda-feira é o dia em que cinco pessoas se reúnem (representantes dos departamentos de produção, relações artísticas, jornalismo etc.) para decidir o que de novo acontecerá nos próximos dias. Critérios? Além dos mais óbvios (o "nome do momento"), há também os chamados critérios "subjetivos". E nesta pequena – mas fundamental para a moçada nova – brecha que podem acontecer os Vipers e os Virna Lisis. A única obrigação é ter um clip razoável.

Depois de escolhido, o que antes era um obscuro grupo de Recife ou Porto Alegre tem agora a "sua chance". Pode ganhar um monte de dinheiro, fama, diversão. Pode fazer arte.

Mas essas novas crias têm de encarar um risco: o de serem rapidamente consumidas, acabarem sumindo sem deixar rastros. Um perigo tradicional no pop, aguçado pela voracidade do mercado musical pós-MTV.

Ah, sim... Sumner Redstone já está bilionário. E deve ficar mais nos próximos anos, pois a MTV planeja lançar em breve canais exclusivos para metal, rap, som mais tranqüilo para tiriões – e até, corre um boato, criar um canal de notícias, o MTV News. *MARCELO REZENDE*

Colaboraram além do cumprimento do dever Jefferson de Souza (em "O Novo Mercado") e João Ricardo Lima (em "Tocando O Barco").

na próxima edição: os caras mais poderosos da música brasileira

ESTA EDIÇÃO FOI SÓ UM DEMO: NAS PRÓXIMAS, VAMOS FAZER O DIABO.

Você acabou de ver a BIZZ de cara nova. As próximas edições vão ser ainda melhores. Porque a BIZZ acompanha todos os ritmos e evolui a cada hora. Ou melhor, a cada segundo. Como a própria música. Se você não sabe como vão ser as próximas edições da BIZZ, não se preocupe: nós também não sabemos. A única certeza é que elas serão iguaizinhas a esta. Ou seja, totalmente diferentes. Não perca os próximos números.

COM A BIZZ VOCÊ VAI MAIS LONGE ANTES QUE TUDO ACONTEÇA

BIZZ

Pode ser que daqui a seis meses ninguém nunca mais ouça falar das bandas desta lista. Também – e é aí que as gravadoras, a MTV, os jornalistas e os curiosos em geral se excitam – existe a possibilidade de se encontrar um "novo Nirvana". Quem sabe o dia de amanhã?

Escolha seu Nirvana

por André Barcinski

Selecionamos alguns dos nomes mais promissores do *underground* americano (entre uma verdadeira avalanche de novas bandas). Vão do thrash ao bubblegum, do rap ao tecno, do grunge ao rockabilly. Um deles pode virar superstar. Todos merecem ser ouvidos.

1 FASTBACKS

De onde Seattle, Washington Som The Go Go's + Ramones + The Archies + tudo de som bubblegum Último lançamento Álbum *Zucker* (Sub Pop) Comentário Os Fastbacks vêm fazendo há treze anos alguns dos melhores e mais divertidos álbuns de rock americano, mas só estouraram mesmo com Zucker. Se você estiver a fim de armar uma festa e não aguenta dance, jogue Zucker na vitrola e sinta o clima "Rock And Roll High School" dominar a pista.

2 BLACK 47

De onde Nova York Som The Pogues + rap + hip hop + funk Último lançamento Álbum *Fire Of Freedom* Comentário Bando de irlandeses ligados em ritmos negros. Para delírio dos intelectuais universitários, o Black 47 faz uma mistura de ritmos que parece um Mano Negra sem tanto peso. Uma das bandas preferidas de Joey Ramone.

3 GROTUS

De onde San Francisco, Califórnia Som Revolting Cocks + tecno + samplers barulhentos + guitarras ultradistorcidas Último lançamento Álbum *Slow Motion Apocalypse* (Alternative Tentacles) Comentário Grotus é a trilha sonora ideal para um documentário sobre detritos tóxicos sendo despejados nos rios e humanos comendo os peixes podres. Suas músicas falam de drogas, guerras, câncer e todo tipo de podridão. Faz o Ministry parecer o Chiclete Com Banana do tão "para cima".

4 HAMMERHEAD

De onde Dakota do Norte Som Discharge + Gang Of Four Último lançamento Álbum *Ethereal Killer* (Amphetamine Reptile) Comentário O nome pode sugerir uma banda de death metal, mas o som abrange outras influências. Grupo radical que descarta no planeta todo o ódio por ter nascido em Dakota do Norte, um pedaço de fim de mundo.

5 SEBADOH

De onde Boston, Massachusetts Som Creedence mais lento + guitarras punk + blues + produção escalachada Último lançamento Álbum *Bubble & Scrape* (Sub Pop) Comentário O líder do Sebadoh é o ex-Dinosaur Jr., Lou Barlow, o que talvez explique a adoração da banda pelo rock "rural" americano. Nada de solos complicados ou muito experimentalismo. Às vezes lembra um Jefferson Airplane menos psicodélico.

6 PAVEMENT

De onde Stockton, Califórnia Som Velvet Underground + experimentalismo estilo Sonic Youth + muralha de guitarras melódicas *à la* Television Últimos lançamentos EP *Watery, Domestic* (Matador) Comentário Os fãs do Pavement são geralmente aqueles caras que curtem o The Fall, não gostam de entrar no meio de um mosh federento e preferem ficar no fundo do clube, apreciando a beleza das canções pop e dos dissonâncias psicodélicas da banda. O álbum [illegible] foi eleito melhor disco de 92 pela revista Spin e ficou em segundo colocado na votação do jornal inglês *Melody Maker*, atrás só de *Automatic For The People*, do R.E.M.

7 MULE

Detroit, Michigan Som Butthole Surfers + country + blues + punk Último lançamento Álbum *Mule* (Quarter Stick/Touch And Go) Comentário O baixista e o baterista do Mule saíram dos Laughing Hyenas, o que garante a parada. Segundo alguns, o Mule ressuscitou o chamado "hillbilly punk", espécie de mistura de country com hardcore, sumido desde os primeiros discos dos Butthole Surfers.

8 POSTER CHILDREN

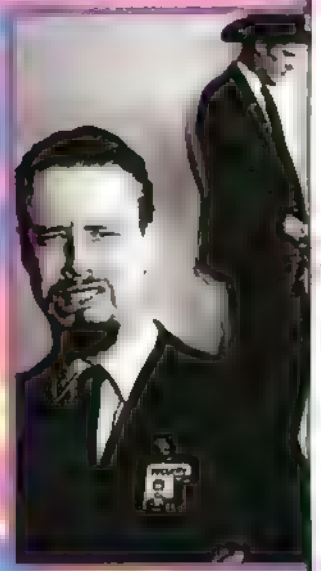
Champaign, Illinois Som Echo And The Bunnymen + grunge Último lançamento Álbum *Tool Of The Man* (Sire) Comentário Som trabalhado no estilo das bandas do pós-punk britânico, mas adicionando uma guitarra bem mais suja. Depois de alguns álbuns pesados em gravadoras independentes, a banda foi contratada pela Sire e ensaiou um pouco a pancadaria.

9 ARCWELDER

Minneapolis, Minnesota Som Melodias pop estilo Hüsker Dü + guitarras "espaciais" tipo Spacemen 3 Último lançamento Álbum *Clincher* (Touch And Go) Comentário O Arcwelder é menos brutal que seus companheiros de selo Touch And Go, como Jesus Lizard e Tar, mas nem por isso menos interessante. Tem cara de que vai estourar a qualquer momento nas rádios universitárias.

10 COME

Boston Som Blues com vocal estilo Patti Smith + Pink Floyd da fase Syd Barrett Último lançamento Álbum *Eleven: Eleven* (Matador) Comentário Se você não ler nada sobre o Come nos próximos meses é porque ou você vive em Marte ou é analfabeto. A banda liderada pelo veterano Thalia Zedek (ex-Dangerous Birds, Uzi e Live Skull) vem sendo considerada a "próxima grande coisa". O Come faz canções sombrias, lentas. A música "Sad Eyes" foi comparada ao Joy Division tocando "Angie", dos Stones.



11 RFTC-CHET FROM THE CRYPT

San Diego, Califórnia Som Eddie Cochran + Black Sabbath + The Undertones Último lançamento Álbum *Circa: Now!* (Cargo) Comentário O RFTC toca um estilo já apelidado de "garage-a-billy". Dou para saber? Pérolas punk-rockabilly com letras ótimas.
Parece um Helmet bem-humorado.
Todas as grandes gravadoras saíram correndo atrás da banda. Foi a Interscope (casa do Nine Inch Nails e Helmet) que levou a melhor.
Compre *Circa: Now!* imediatamente.

12 TAR

Chicago, Illinois Fugazi + The Fall + Big Black Último lançamento EP *Clincher*
Comentário O Tar desenvolveu um estilo semelhante aos seus conterrâneos do Big Black: guitarras afiadas, bateria tribal, ritmo "pára-e-começa" e riffs que se repetem à exaustão. Não é à toa que o próprio Steve Albini, ex-líder do Big Black, é fã dos caras.

13 NEUROSIS

San Francisco Som Rock industrial + King Crimson Último lançamento Álbum *Souls At Zero* (Alternative Tentacles) Comentário Começou em 85, fazendo um hardcore convencional. Hoje faz um som industrial muito lento e bem trabalhado. As músicas do grupo freqüentemente passam de cinco minutos. Imagine "One", do Metallica, tocada pelo Skinny Puppy e dá para se ter uma idéia do som do Neurosis.

14 COWS

Minneapolis Som Big Black + hardcore + esquizofrenia + pitada de jazz (sem chatice) Último lançamento Álbum *Sexy Pee Story* (Amphetamine Reptile) Comentário Música pesada e estrumbo. Se você está querendo refrões fáceis, desses de cantar junto, pode esquecer. Cows é anarquia, uma parede de barulho com bateria tribal. A banda lançou um dos melhores discos de 92, *Cunning Stunts*.

APROVADO

JOVEM PAN 2 FM 100,9

ROXETTE

A dupla sueca
que está batendo
recordes
de vendagem
no mundo inteiro

A JOVEM PAN ASSINA EM CIMA

EMI

CD K7 LP

LIVROS E OFERTAS INCRÍVEIS PARA VOCÊ. APROVEITE! COMPRE DOIS E RECEBA MAIS UM INTEIRAMENTE GRÁTIS!

CÃES PARA INICIANTES
A. C. de Andrade
Mostra os princípios básicos e as melhores dicas para o correto desenvolvimento do cão, para que ele se mantenha forte, bonito e saudável.
Código: 938106 Cr$ 410.000,00

ADESTRAMENTO SEM CASTIGO
Bruno Tosi
Baseado em teorias de aprendizagem, este livro apresenta um método próprio de ensino cujo ponto é a compreensão e o carinho. Como uma obra muito abrangente, serve como um verdadeiro manual para ser constantemente consultado.
Código: 857920 Cr$ 425.000,00

MANUAL DO MONTANHISTA
Cristiano Requião
Aborda os principais aspectos a serem considerados no montanhismo: clima, equipamento, nós, medidas de segurança, preparo físico, entre outros. Farta-
Código: 136216 Cr$ 385.000,00

MANUAL DO EXCURSIONISTA
Cristiano Requião
Ensina como planejar, como escolher o equipamento adequado e como prevenir acidentes. Dá instruções sobre orientação, meteorologia e, por fim, relaciona os principais parques brasileiros.
Código: 942960 Cr$ 365.000,00

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE MARKETING
Patrick Forsyth
Com uma linguagem divertida e uma abordagem crítica, o autor analisa as principais características de marketing, as dificuldades e a atenção e como superá-las para se tornar um profissional bem-
Código: 1110586 Cr$ 345.000,00

COMO FAZER SEU TRABALHO RENDER MAIS
NEC & Lucas
Guia prático que ensina como resolver os problemas de trabalho que surgem no dia-a-dia. Mostra como transformar dificuldades em oportunidades, como gerenciar melhor o seu tempo e como separar o trabalho da vida pessoal.
Código: 999199 Cr$ 345.000,00

AUMENTE O PODER DE SUA MEMÓRIA
Donald H. Weiss
Técnicas comprovadas que vão ajudá-lo a memorizar o que lê e ouve, lembrar de datas e compromissos, melhorar sua concentração e organizar seu pensamento.
Código: 884294 Cr$ 220.000,00

COMO ESCREVER COM FACILIDADE
Donald H. Weiss
Orientações seguras para você escrever bem, formas para desenvolver idéias e maneiras de criar textos com emoção e conteúdo que transmitam sua mensagem.
Código: 999679 Cr$ 290.000,00

TÉCNICAS PARA UMA LEITURA RÁPIDA E EFICAZ
Donald H. Weiss
Este livro vai ajudá-lo a organizar melhor sua leitura. Mostra como separar o que precisa ser lido com mais concentração daquilo que pode ser lido mais superficialmente.
Código: 300195 Cr$ 275.000,00

COMO FALAR EM PÚBLICO
Donald H. Weiss
Guia prático que mostra como organizar uma apresentação, dicas de linguagem, orientação para utilização de recursos visuais e sugestões para desempenho com sucesso.
Código: 992828 Cr$ 215.000,00

REUNIÕES QUE FUNCIONAM
Bobbi Linkemer
Formas e métodos para você conduzir reuniões de maneira produtiva, sem desperdício de tempo, fazendo com que as decisões sejam seguidas de ações.
Código: 991074 Cr$ 215.000,00

CONVIVENDO COM GENTE DIFÍCIL
Donald H. Weiss
Este livro vai ajudá-lo a conviver com a enorme variedade de "pessoas difíceis" que se encontra, toda hora, no trabalho, sem deixar que sua vida seja atrapalhada por elas.
Código: 665487 Cr$ 215.000,00

GRÁTIS

Na compra de dois ou mais livros
você ganha o livro
"PRINCÍPIOS DE NUTRIÇÃO"
de presente
Preencha, recorte e envie o cupom ao lado.
Não use selos nem envelope.
Se preferir, faça seu pedido por telefone:

LIGUE
(011) 876-2822
(ramais 35 e 43) Horário comercial

Preços válidos até 25/5/93
Após esta data os livros serão faturados pelos preços vigentes
Importante: ao valor total de seu pedido serão acrescidos Cr$ 84.900,00 para despesas com manuseio e envio

RECORTE AQUI

Nobel
FAÇA JÁ O SEU PEDIDO

SIM, quero receber os livros cujos códigos e quantidade indico abaixo.

Código da obra	Quantidade	Código da obra	Quantidade

Minha opção de pagamento é

☐ Autorizo o débito do valor total em meu cartão de crédito
Cartão _____
Val ___/___
Nº _____

☐ Pagarei o valor total na contra-entrega, através de reembolso postal.

Nome _____
Endereço _____
Bairro _____ CEP _____
Cidade _____ Est. ____
Fone ( ) _____ Data ___/___/___
Assinatura _____

Preços válidos até 25/5/93. Após esta data os livros serão faturados pelos preços vigentes

ISR-40-2106/83
UP AG. CENTRAL
DR/SÃO PAULO

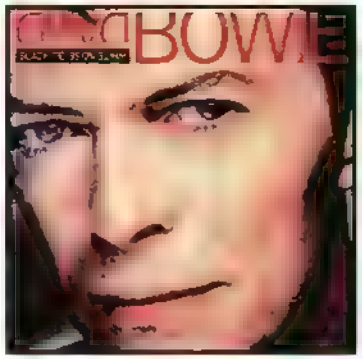
CARTÃO-RESPOSTA
NÃO É NECESSÁRIO SELAR

O selo será pago por

EDITORA
Nobel

05999-999 - São Paulo - SP

LANÇAMENTOS



DAVID BOWIE

BMG-Ariola

Black Tie, White Noise

Deve ser extremamente difícil ser David Bowie e querer lançar um disco novo. Pensem só: ele já vislumbrou, esboçou, percorreu todos os caminhos possíveis e imagináveis da música pop. E mais: Bowie estabeleceu a versatilidade – não a mistureira sem critérios, mas a diversidade, a experimentação, a inquietude criativa, as "ch-ch-changes" – como método.

Então, entrar em estúdio para fazer um disco, depois de seis anos sem gravar um á bum solo e depois de uma tentativa de ser apenas integrante de um grupo (o inexpressivo Tin Machine) deve dar uma enorme angústia. Talvez tenha sido essa afl ção que fez seus três últimos discos – *Let's Dance* (83), *Tonight* (85) e *Never Let Me Down* (87) – soarem como se o personagem reservado para David Bowie nos anos 80 tenha sido apenas o de um manipulador hábil, calculista e egocêntrico.

Mas o que interessa é que *Black Tie, White Noise* resolve essa parada com uma engenharia precisa de frieza e de fogo no rabo. Isso, a boa notícia é que Bowie, aos 46 anos, continua com um tremendo entusiasmo para fazer mús ca.

O mesmo que provavelmente o fez pular de um personagem para outro na década de 70 e toda aquela história que todo mundo já conhece.

Só que agora, em vez de raspar as sombrancelhas, ele conduz este incêndio interno para, por exemplo, montar uma banda para o disco com critérios malucos, um trompetista vanguardista (Lester Bowie), mais o velho companheiro dos Sp ders From Mars (Mick Ronson), mais um baixista estreando em estúdio e o ex-baterista do Chic, Tony Thompson .. que funcionam quase à perfeição na química geral. Ou para se arriscar na escolha das versões díspares para o disco e aguentar as consequências. Em "I Feel Free", canção-símbolo do Cream, que fazia parte do repertório dos Spiders From Mars nos idos de Ziggy Stardust, ele acerta na equação atualização + respeito. Em "I Know It's Gonna Happen Someday" – como ele mesmo disse, " mita Morrissey imitando Bowie" – só chega na cafonice.

Esse controle quase de laboratório continua se manifestando na maneira inteligente como Bowie e Nile Rodgers fizeram o batucum do dance music conviver com camadas melódicas sofisticadas e ainda se dão ao luxo de deixar o vozeirão de Bowie lá na frente, se mostrando em toda sua potência. Faixas como "I've Been Around", "Jump They Say" e a título sintetizam as três bases – ritmo dance, riqueza melódica e charme *glam* – sobre as quais repousam essa espécie de façanha que Bowie alingiu em seu novo disco. E não por acaso, ele as citou como as suas prediletas.

Tudo bem, *Black Tie, White Noise* é o seu me hor disco desde *Scary Monsters (And Super Creeps)*.

Mas isso não era exatamente a tarefa mais digna que estava escrita nas linhas do destino, para o homem de um olho de cada cor nos anos 90. A missão, que alguém lá em cima concedeu a Bowie quando ele caiu na Terra era a de levar as mais diversas formas da música popular à condição de música que eleva o espírito, ao mesmo tempo em que faz os quadris balançarem. *Black Tie, White Noise* está a milímetros de levá-la a cabo.

BIA ABRAMO

DISCOS

STING

PolyGram

Ten Summoner's Tales

Apesar do título inspirado nos *Contos De Canterbury* (de Geoffrey Chaucer, escritor inglês do século 14), este é o álbum menos "cabeção" e pretensioso de Sting

O que não diz muito, já que o ex-The Police sempre foi chato em seus discos solo. Chato nas incursões pop jazzísticas, chato nas letras "com mensagens" e tornou-se insuportável, depois de gravar em português ("Fragile"), arvorar-se como "defensor dos povos da floresta" e começar a andar a tiracolo com o cacique Raoni
O novo disco aponta, ainda que timidamente, para melhores rumos O som está mais despojado nos dez "contos" de mr. Sumner (doze, com um prólogo e um epílogo). As duas melhores canções são baladas: "Field Of Gold" e "Shape Of My Heart" Mas a faixa de abertura soa como Phil Collins fazendo cover do Police Já o hit "Love Is Stronger Than Justice (The Magnificent Seven)" traz uma colagem "frankensteinica" de funk com country. O pseudo-jazz também reaparece na parceria com Eric Clapton/Michael Kamen ("It's Probably Me"), em "Seven Days" e em "Saint Augustine In Hell" – onde ele confina os críticos musicais ao inferno. Se o som ambiente de lá não for o de seus discos anteriores, pode ser uma experiência interessante. *C.P*

EL GENERAL

BMG-Ariola

Muévelo Con El General

O ragga de cinco estrelas deste panamenho já invadiu até as mais impermeáveis rádios brasileiras com o hit "Pun-Tun-Tun". Provando que não é artista de uma música

só, El General lança seu primeiro álbum e impressiona por fazer um som que não fica nada a dever a seus congêneres jamaicanos
Escorado numa produção de pulso forte, ele cria um novo ritmo, temperando com salsa a faixa "Muévelo" e destila picardia e bom-humor em "Te Ves Buena" e "Buduff Kun-Kun". Item obrigatório para os fãs de dancehall. *C.C*

JAMES BROWN

PolyGram

Universal James

Todo mundo achava que Clivillés + Cole e Jazzie B na produção resultariam no primeiro disco decente de JB pós-80. Engano. C + C em "Can't Get Any Harder" parecem com qualquer faixa dance de 89/90 com samples de James Brown no meio: ele quase que só grita no meio das participações de Michelle Visage e dos rappers do Trilogy e Leaders Of The New School. As faixas de Jazzie B (seis das dez) não são tão ruins como o último Soul II Soul, mas são como

um carro lindo cujo motor não pega. Ainda mais perdidas são as músicas que o próprio James Brown coordenou: qualquer bandinha brasileira de funk já tirou essas levadas. Com todo o respeito pela figura, uma bobagem. *C.R*

ROD STEWART

Warner

Lead Vocalist

Alguém está a fim de sacanear com o Rod Stewart. Só isto pode explicar uma coletânea como esta Não é que o disco seja uma completa porcaria. Ele é quase todo uma maravilha. Começa muito bem, com a faixa "I Ain't

Superstitious", de 67, com o vocalista ainda no Jeff Beck Group. Segue com quatro faixas com Rod acompanhado pelos Faces. Mais duas faixas, "Stay With Me" e "Hot Legs", de discos solos dos anos 70. Tudo faz lembrar o quanto o vocalista foi legal no passado. Aí começa o problema. Entra a primeira faixa dos anos 80, "Stand Back" (83, produção de Trevor Horn), e a gente quase cai para trás. O que aconteceu com o sujeito? Como foi que ele ficou tão insuportável? E o resto do disco vai assim, detonando a sua moral. O nome "ascensão e queda de um cantor" seria mais apropriado para este disco. Boa pedida, apenas por respeito às primeiras faixas. *R.C*

TOM ZÉ

Warner

The Hips Of Tradition

Um bicho-de-sete-cabeças para as novas gerações. Tom Zé sempre foi tropicalista esquecido pelo sucesso. Caetano, Gil e os Mutantes levaram a fama, mas ele estava lá, arrumando a cama para a suruba de informações que foi o movimento. Agora o mais

interessante: Caetano "odarou" Gil "realçou", mas Tom Zé, não. Ele desvairou de vez e permaneceu fiel à "esquisitice". "Descoberto" por David Byrne, estourou no norte: virou Carmen Miranda pós-moderna. Nesta edição da Luaka Bop – a gravadora de Byrne –, Tom Zé é King Crimson caindo no samba, cavaquinhos em contratempos e versos cortantes: "Eu sofro de juventude, essa coisa maldita/ Que quando tá quase pronta/ Desmorona, se frita". Ouça já. *J.J*

MIDNIGHT OIL

Sony

Earth And Sun And Moon

O Midnight Oil continua na salutar teimosia de seguir seus princípios. No nono álbum, a banda mantem a sua proposta: rock consciente do

mundo ao redor. A novidade fica na sofisticação dada pelos recursos de estúdio. O grupo chegou até a ser a causa da completa reforma do decrépito Megaphon – o local da gravação, em Sidnei. Mais atenção foi dada aos teclados de Jim Moginie, que sobressaem em faixas, como a de abertura – o blues "Feeding Frenzy" – ou em "Renaissance Man"
A marca registrada do MO fica na faixa-título, observando a degradação do planeta, mas acreditando em mudanças. *J.J E.S.*

DURAN DURAN

Warner

Podia ser o single do ano, com "Ordinary World" mais "Of The City" no lado B. Mas, como álbum fica difícil costurar os pedaços

deste verdadeiro Frankenstein. De EMF até Yes (as harmonias vocais do megahit "Ordinary World" são decalcadinhas nas de *Time And A Word* de 70). Ou de Velvet Underground (numa versão bunda "Femme Fatale") até Milton Nascimento (que paga um puta mico cantando a bichesuma "Breath To Breath", aparecendo na maior roubada em que ele se meteu desde que gravou com o RPM). Um troço tão confuso que chamaram o disco *Duran Duran*, só para tirar a dúvida. É a mesma síndrome do anterior *Liberty*, que tinha "Serious" e a sublime balada "My Antarctica". E só. *A.A*

CHRIS ISAAK

Warner

San Francisco Days

Ele é um cara nostálgico e seu novo disco prova isso mais uma vez. Como o anterior *Heart Shaped World*, que é de quatro anos atrás, o novo álbum traz rockabillies, country music e baladas românticas sem maiores pretensões além de criar "... um certo tipo de atmosfera e emoção" Tudo, claro, envolto em sua voz e

atitude, herdeiras diretas do "jeito crooner de ser" dos anos 50
A ótima "Solitary Man", por exemplo, poderia ter saído da garganta de um dos seus ídolos, Roy Orbison.
Como novidade, há a presença de alguns músicos convidados – ainda que a banda que o vinha acompanhando permaneça essencialmente a mesma – e o som de um órgão B3, que foi colocado em algumas das melhores faixas (como em "Move Along", em "Put Out Your Hand" e na jazzy "5:15").
A nota destoante fica para "Can't Do A Thing To Stop Me", uma tentativa de reeditar o êxito de "Wicked Game", que acabou soando descaracterísticamente como Sade
Nada no entanto que as boas guitarras de "Round And Round" e a simplicidade plangente de "New Girl" não nos façam esquecer. *D.B.*

ICE-T

Home Invasion

Até agora, foi moleza: Ice-T cantava o assassinato de policiais e fantasias racistas diversas às custas da Warner. Mas em janeiro a gravadora decidiu que ele não vende o suficiente para justificar a chateação que andava causando para eles (uma atitude muito justificável, aliás).
Nessa, o rapper perdeu as suas barbadas em todas as divisões da Time/Warner, na TV, no cinema e na HQ.
Seu novo álbum, *Home Invasion* foi lançado por seu próprio selo, chamado Rhythm Syndicate.
Agora ele vai ter que autobancar suas muitas pretensões.
O sonho declarado de Ice-T é que todas as etnias se comportem como irmãs. Isso garante sua moral de "estadista das ruas" com a mídia politicamente correta.
Até o selo Rhino já trata o cara como se fosse um clássico: lançou *Ice-T – The Classic Collection*, um CD com dez faixas, registradas entre 83 e 86.
Mas para explorar direito os impulsos atávicos da rapaziada, a pose tem de ser outra. Alguma coisa entre um Panthera Negra e um traficante de crack.
Foi radicalizando essa linha no Body Count que Ice-T virou o negão fodão que todo *banger*/boyzinho branco queria ter como "brother".
Para crédito do homem, ele não esconde que está botando suas fichas simultaneamente no vermelho e no preto.
Essa situação complicada é justamente o tema de *Home Invasion*, seu mais ambicioso, variado, bem produzido e divertido trabalho.
Só que o disco vendeu pouquíssimo nos EUA – os analistas aí acham que dentro dessa ambição toda,

EMI Odeon

Ice-T acabou alienando seu público negro original.
Agora que a grana minguou, é que vamos ver até onde vai a ousadia do bacana.
ANDRÉ FORASTIERI

BETTY BOO

Warner

GRRR!

Não se preocupem! Apesar de se inspirar numa marca belga de cigarro e posar de tigrinho na capa de *GRRR!*, a rapper inglesa continua a mesma. Seja numa roupa de fenina ou metida num provocante, sensual e lantejoulado vestido longo. Betty Boo ainda investe na dance music repleta de referências aos psicodélicos anos 60. Ainda mantendo pleno controle das composições e da produção, ela se farta de órgãos Hammond, guitarras *surf music* e tremendos refrões *bubblegum*. Os arranjos estão bem mais maduros que no anterior *Boomania* e permitem a presença de *slide guitar*, harmônica e até ska. *A.R.S.*

DISCOS

BANDA REGGAE OLODUM

A Musica Do Olodum

Continental

O novo disco da Banda Reggae Olodum é uma cornucópia de equívocos. Ôta, chatice cabra da peste! Quando surgiu, há onze anos, o bloco afro produziu uma música tribal renovadora, baseada no ritmo sincopado dos tambores treme-terra. Lançou o samba-reggae como gênero que dominou o carnaval baiano a partir de 87, primeiro com as bandas elétricas, depois com a volta do som acústico via blocos afros. Enfim, eles produziram muito entre as poucas coisas interessantes na música brasileira dos anos 80. Mas entrou nos 90 embriagado pelo glamour. O bloco agora quer ser banda – e pop. As fantasias ganharam plumas e paetês, os camarins viraram festival de beijinhos e tietagem. A música, apesar de ainda pregar a união da raça negra, raízes em Madagascar e outras bobagens de protesto, perdeu a credibilidade.

Em *A Música Do Olodum*, tudo soa como um candomblé para madame dançar o carnaval de Salvador. Eles agregaram sopros, guitarras e percussão. Ficou péssimo. Mostra a incompreensão que os membros da banda tem do som que fazem. A música do Olodum é basicamente modal e monódica. Isso quer dizer que uma voz canta melodias em escalas modais, acompanhadas por percussão. A inclusão de sopros fornece um caráter harmônico, tonal, que o samba-reggae – diferentemente do reggae – não possui. Uma ingenuidade pretender atingir o mercado com esse tipo de balangandã estético. O Olodum não podia ter saído do seu gueto. Seus membros acabam se comportando no mundo pop como inocentes úteis da rapinagem dos "Paul's Simons" da vida.

LUÍS ANTÔNIO GIRON

SUNSCREEM

BMG-Ariola

O_3

O Sunscreem apareceu do nada no ano passado e já quebrou os moldes da dance. Seu som, entre o tecno e a *indie dance*, é feito por uma banda de verdade: a vocalista Lucia Holm mais tecladista, baixista, guitarrista e baterista. Mais duro que a *indie dance* dos Happy Mondays e mais melódico que o tecno do Altern-8, eles têm feito sucesso até ao vivo. O álbum de estréia, traz os hits

"Perfect Motion" e "Love U More", ambos dançáveis e assobiáveis. Fora isso, há de tudo: piano de *house*, vozes flutuantes, batidas pulsantes e muita filosofia hippie (inclusive uma cover da antimilitarista "Broken English", de Marianne Faithfull). Instrumentais, como "B" e "Portal", são pura encheção de linguiça. "Icitaho" tem ótimo final orquestral e "Doved Up", um baixo delicioso. *A.G.L.*

Ambas as alternativas. Page continua a tocar e arranjar bem como sempre. Coverdale não cantava tanto – tão blues inglês – desde o Deep Purple. A banda de apoio é boa.
As músicas, variadas: têm refrão, pique e clima decentes.
Coverdale • Page lembra, adivinha o quê, fases variadas do Led Zeppelin e do Whitesnake (que sempre chupou o Zep, para começar). É isso que faz o disco legal e um saco.
Um saco porque a banda acabou em 78. E Page, um dos grandes criadores da história do rock'n roll, não conseguiu nada melhor que – quinze anos depois – saquear as ruínas do Led Zeppelin, tentando substituir os insubstituíveis Plant, Bonham e Jones.
É legal porque de nostalgia também se vive. Ainda mais que vem aí uma colossal turnê Coverdale • Page – cobrindo não só o disco novo, mas o repertório conjunto do Led Zeppelin, Deep Purple e Whitesnake. Caramba, estou sonhando com um show destes desde os catorze anos. *A.F.*

COVERDALE •PAGE

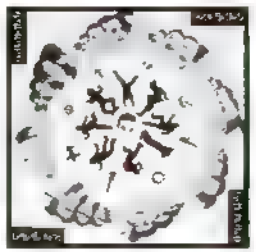
BMG-Ariola

Jimmy Page foi o criador, líder, principal compositor e arranjador do Led Zeppelin. David Coverdale substituiu Ian Gillan nos vocais do Deep Purple, fundou e liderou o Whitesnake. Não é à toa que a parceria dos dois quase foi batizada de "Legends", lendas. Agora, Coverdale • Page é o quê? Só dois quarentões falidos querendo levantar uma grana fácil enrolando os fãs numa armação de gravadora? Ou uma combinação natural entre dois contemporâneos/conterrâneos, com um passado de glórias militando no mesmo gênero?

OS GUANABARAS

Eldorado

Os Guanabaras, de São Paulo, são o caso mais claro de influência de Jorge Benjor no pop brasileiro atual. O samba-rock e a poesia de



construção livre dele incidem significativamente sobre o material deste disco de estréia. Tudo porém é feito com propriedade e criatividade pela banda, que parece levar para frente algo deixado nos anos 70 por Jorge. O cantor Marco Mattoli compõe quase todas as canções (de amor, na maioria), que primam pela surpresa (especialmente em "Bolhas" e "Nefertite"). Há ainda uma versão bossa-novística de "Senza Te" – clássico da música romântica italiana – e um hit em potencial: "Tudo Passa". *C.Re*

ao som de sua banda, transformando a maioria das músicas em um *blend* requentado e sem convicção de ZZ Top com Steve Miller Band. Nem a cover correta de Tom Petty ("Lost In Your Eyes") ou combinações bizarras (como incorporar um rap a "If You Can't Feel Anything Else") conseguem se desviar da monotonia que impera. *C.P.*

THE THE

Sony

Dusk

Por mais que Matt Johnson faça, o The The vai ser lembrado para o resto dos tempos por *Soul Mining*. Qualquer novo trabalho será sempre comparado com o álbum

que se tornou um *cult* dos anos 80. Nesse sentido, *Dusk* sai perdendo, mas não deixa de ser um ótimo disco. Tem tudo que caracteriza o trabalho de Matt Johnson: da capa desenhada com o traço pessoal do seu irmão Andy às músicas obcecadas por sexo, religião e culpa. E mais uma vez há o velho amigo Johnny Marr – que durango, antes de entrar para os Smiths, se hospedava na casa de Matt). *V.P.*

THE JEFF HEALEY BAND

BMG-Ariola

Feel This

Se em seus discos anteriores, o canadense sempre pautou-se basicamente no blues, desta feita ele resolveu diversificar o seu som. Agregou teclados mil

VÁRIOS

Bullet

Gabba Gabba Hey: A Tribute To Ramones

A idéia de se homenagear os Ramones com uma coletânea de covers é legal, mas é difícil melhorar o que já nasceu bom

Descontando-se a desvantagem inevitável que as bandas tiveram, o resultado não passa de razoável. Enquanto o L7 mata a pau com uma "Suzy Is A Headbanger", honestíssima e fiel, Jeff Dahl deixa "Chinese Rocks" mais garageira e o White Flag joga "Baby Sitter" para os anos 60. O Blast faz "Now I Wanna Sniff Some Glue" numa versão trapalhona e os Flesheaters enterram "I Don't Wanna Go Down To The Basement" num pesadelo *junkie*. *C.E.M.*

ROSA TATTOOADA

Sony

Eles são quatro. São bonitinhos e têm caras honestas. São gaúchos, têm vários metros quadrados de tatuagens pelo corpo e formam uma banda de rock. Gravaram um disco produzido pelo Thedy Corrêa (Nenhum de Nós) e tiveram a manha de lançá-lo por uma grande gravadora. Abriram os shows dos Guns N'Roses no Brasil. Cantam em português, o que hoje é quase um sacrilégio roqueiro. Até que tocam bem, ao vivo e no disco. Eles têm tudo isso de bom, mas têm também uma coisa muito rum: não dizem nada de novo. Fizeram um disco anódino. Bonzinho, mas anódino. Não conseguiram sair da cartilha do hard rock domesticado. Tinham que arriscar mais, tentar alguma coisa para marcar o estilo deles, se é que ele existe. Resumindo, eles tinham que fazer um disco melhor. Só isso. *T.M.*

RÁPIDO & RASTEIRO

A trilha de Honeymoon In Vegas (Sony) tem BONO VOX cantando "Can't Help Falling In Love", BRYAN FERRY, JEFF BECK, BILLY JOEL etc., fazendo outras covers dos hits de Elvis ■ A Rock Brigade relança dois dos álbuns do MOTÖRHEAD: Orgasmatron (86) e Rock'N'Roll (87) ■ Body Mind Soul (Warner) é o novo disco de DEBBIE GIBSON. O "interessante" é que foi produzido pela mãe dela ■ Segundo a *Newsweek*, o dominicano JUAN LUIS GUERRA é "possivelmente o mais 'caliente' e importante artista latino de todos os tempos...". Isto é porque eles não conhecem o Oswaldo Montenegro. Mas se você quiser saber, ouça Areito (BMG-Ariola) ■ A trilha de Strictly Ballroom (Sony) abre com uma faixa produzida por Harry Vanda e George Young, dos lendários Easybeats, mas é uma porcaria. Já a de Dracula (Sony) tem a faixa "Love Song For A Vampire", com ANNIE LENNOX ■ A Vila Das Vozes (Evol), da banda pernambucana ACADEMIA DO MEDO, traz um rock melancólico inspirado em Edgar Alan Poe. O cantor Marcos Vinicius faz aquelas vozes dramáticas tipo Renato Russo, Ian Curtis, Jerry Adriani e coisas do tipo ■ "Zenoveva, prometo que não tomo porre todo o dia/ Eu prometo que não vou mais coçar o saco /Zenoveva, me perdoa" é um trecho da letra de "Zenoveva, Me Perdoa", uma das faixas do disco Radieci E Conjunto Produtivo Da Sociedade Caxiense (Official Bootlegs). O resto vai nessa onda. *R.C.*

CAVIAR & CHAMPANHE	PÃO COM MANTEIGA & O SUCO
PICANHA & CERVEJA	ESPETINHO DE GATO & AGUA DE TORNEIRA
FEIJÃO C/ ARROZ & COCA-COLA	VINIL · CD · CASSETE

BOLSA DE DISCOS

7,78	ROLLINS BAND • *The End Of Silence* • BMG-Ariola	8	9	6	8	7	8	8	8	• 8
7,20	EN VOGUE • *Funky Divas* • Warner	7	7	8	10	3	6	9	4	9 9
6,70	SCREAMING TREES • *Sweet Oblivion* • Sony	6	8	6	2	7	9	8	8	8 5
6,67	SECOND COME • *You* • Rock It	5	8	7	6	8	7	•	7	5 7
6,25	BOB DYLAN • *Good As I Been To You* • Sony	0	8	•	6	6	7	10	6	7 •
6,20	SOUL ASYLUM • *Grave Dancers Union* • Sony	6	8	4	6	6	7	8	6	7 4
5,90	LIVING COLOUR • *Stain* • Sony	3	9	0	6	7	7	8	8	3 8
5,78	XTC • *Nonsuch* • EMI-Odeon	4	9	2	5	6	6	•	4	9 7
5,40	JESUS JONES • *Perverse* • EMI-Odeon	5	7	6	2	6	7	7	5	0 9
5,11	SADE • *Love Deluxe* • Sony	1	8	3	4	5	•	8	3	5 9

GRAVADORAS INDEPENDENTES:

PARADA

EUA

- DEPECHE MODE • *Songs Of Faith And Devotion* • Sire
- VARIOS • *The Bodyguard* • Arista
- KENNY G • *Breathless* • Arista
- ERIC CLAPTON • *Unplugged* • Duck/Reprise
- STING • *Ten Summoner's Tales* • A&M
- SPIN DOCTORS • *Pocket Full Of Kryptonite* • Epic
- SNOW • *12 Inches Of Snow* • Eastwest
- DR. DRE • *The Chronic* • Death Row
- SILK • *Lose Control* • Keia
- COVERDALE • PAGE • Geffen

EUA College

- BELLY • *Star* • Sire/Reprise
- DINOSAUR JR. • *Where You Been?* • Sire
- THE THE • *Dusk* • Epic
- DEPECHE MODE • *Songs Of Faith And Devotion* • Sire
- STING • *Ten Summoner's Tales* • A&M
- JESUS JONES • *Perverse* • Food/EMI
- JELLYFISH • *Spilt Milk* • Charisma
- LIVING COLOUR • *Stain* • Epic
- HOTHOUSE FLOWERS • *Songs From The Rain* • London/PLG
- GOO GOO DOLLS • *Superstar Car Wash* • Warner

GB

- DEPECHE MODE • *Songs Of Faith And Devotion* • Mute
- BRYAN FERRY • *Taxi* • Virgin
- IRON MAIDEN • *A Real Live One* • EMI
- HOT CHOCOLATE • *Their Greatest Hits* • EMI
- JENNY KRAVITZ • *Are You Gonna Go My Way* • Virgin
- ERIC CLAPTON • *Unplugged* • Duck/Reprise
- ANNIE LENNOX • *Diva* • RCA
- RANDY CRAWFORD • *The Very Best Of* • Dino
- P M DAWN • *The Bliss Album...?* Gee Street
- k.d. lang • *Ingenue* • Sire

Japão

- MARI HAMADA • *Anti-Heroin* • MCA/Victor
- JUNICHI INAGAKI • *For My Dearest* • Fun House
- KOJI TAMAKI • *Allegore* • Kitty
- MORITADOUJI • *Bokutachino Shippai* • Warner
- MARIKO NAGAI • *Open Zoo* • Fun House
- KEIZO NAKANISHI • *Steps* • Pioneer
- BOOWY • *The Complete Boowy* • Toshiba
- THE CHECKERS • *Final-Last/Budokan Live* • Warner
- COVERDALE • PAGE • Geffen
- VARIOS • *The Bodyguard* • BMG/Victor

LANÇAMENTO!
CAMISETÃO (T)
FRENTE E COSTAS

T
CAMISETÃO - F/C
Cr$ 680 000,00
Tamanhos M e G

Tamanho G
CAMISETA INGLATERRA
Cr$ 524 000,00

LANÇAMENTOS!
BERMUDÃO DE FLANELA (BF)
CAMISETÃO INGLATERRA (I)

Cr$ 627 000,00
BF
BERMUDÃO DE FLANELA
Tamanhos M e G

FAX: (011) 881 9789

NEW ROCK

FONE: (011) 280 2952

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

ML
MANGA LONGA
Cr$ 634.000,00

MC
MANGA CURTA
Cr$ 538 000,00

BONÉ
B
Cr$ 273.000,00

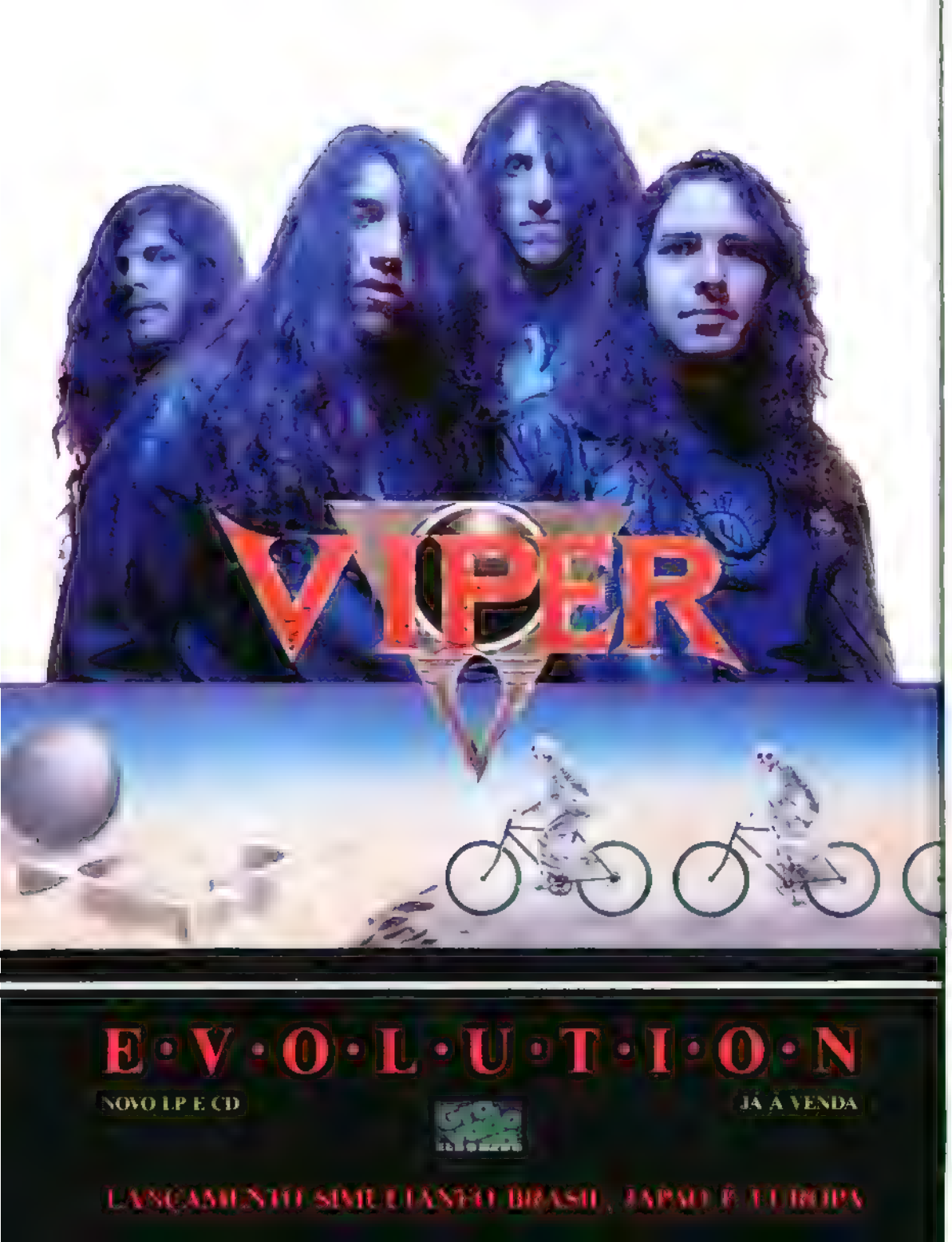
L
CALÇA DE MOLETON
Cr$ 870 000,00

TOTAL DA COMPRA Cr$

MOD.	REF.	COR	TAM.

NOME:
END: Nº
CEP: FONE:
CIDADE: ESTADO:
RG: ASSINATURA:

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ A PRÓXIMA EDIÇÃO DA REVISTA



ZONA FRANCA

Uma situação insólita, apresentar um álbum que reuniu **GILBERTO GIL** e **JORGE BEN** na abertura de uma seção dedicada a lançamentos importados. Acontece que, atualmente, a única maneira de se ter acesso ao antológico **Gil & Jorge**, é recorrer à recente tiragem em CD que a gravadora Verve colocou no mercado americano.

Lançada originalmente como vinil duplo pela Philips/PolyGram, esta maravilha ressurgiu posteriormente apenas com metade das músicas, numa edição simples – ambas fora de catálogo há muito tempo por aqui.

Uma pena, por se tratar de um encontro único entre Gil (antes de se acomodar) e Jorge (antes de ser Benjor) em plena forma. O disco foi gravado ao vivo em estúdio numa certa noite de 75, quando os dois cruzaram violões e vozes, secundados apenas por um contrabaixista e por um percussionista.

Desta forma, em uma autêntica *jam session*, a dupla desfilou extensas versões de musicas de Gil ("Nega", "Jurubeba", "Filhos De Gandhi") e Jorge ("Meu Glorioso São Cristovão","Taj Mahal") – todas com mais de dez minutos –, que surpreendiam pelo balanço e pela dinâmica instrumental, passando longe da monotonia ou do exagero virtuosistico. Outros registros inspiradissimos como "Quem Mandou (Pé Na Estrada)", "Morre O Burro, Fica O Homem" e "Essa É Pra Tocar No Rádio" serviram para elevar este álbum ao status de obra-prima. Um som despojado, que fascinava pela espontaneidade ao mesmo tempo que revelava as mais puras raizes africanas da MPB e a influência de pop/soul/rock absorvida pela dupla, além de já apontar para algo que anos depois viria a ser convencionado como *world music*.

Alô, alô, PolyGram brasileira, já passou da hora de vocês lançarem este torpedo por aqui! *CELSO PUCCI*

PLAY IT AGAIN, GIL & JORGE

Dois astros da MPB

em clima de *jam session*

ZONA FRANCA

"CULTURA" DEMAIS

Não há nada de errado com os caras do **EINSTÜRZENDE NEUBATEN**, a não ser eles mesmos. **Tabula Rasa** (Mute) poderia ser um disco bacana, se não fosse tão auto-referente.

Explico: eles sofrem de excesso de historicidade. O punk cavou uma trincheira na planície do rock arena. O pós-punk fez outra tricheira dentro dela, quando esta ameaçava virar planície. E o rock industrial estendeu-se pelos anos 80, cavando uma trincheira dentro da trincheira dentro da trincheira, que acabou virando um buraco só.

A resposta para esta questão já estava vindo de outro lugar, mais "burro" e mais ágil: o heavy metal. O rock industrial foi se levando cada vez mais a sério, pondo nomes em latim nos discos (*Tabula Rasa* lembra *Terra Firma*, do Test Department) e abdicando da violência da percussão metálica em favor de um enfoque mais "étnico" (como gaitas de fole), "pop" (seqüenciadores) ou "artístico".

O EN sofre deste terceiro desvio neste álbum, em faixas surgidas de colaborações com companhias de balé e performáticos. Pô, lugar de fazer literatura (ou teatro) não é disco. *ALEX ANTUNES*

MEU NOME É BLACK

Os Pixies se separaram. Black Francis, o líder do grupo, morreu, ressuscitou como **FRANK BLACK** e lançou um álbum solo glorioso (4AD) que leva no título seu novo nome artístico. O disco é, na média, menos pesado que os do seu ex-grupo, mas mantém qualidades dos Pixies: a pegada pop e rock sessentista misturado com o punk *bubblegum* dos Buzzcocks e os timbres de guitarra *surf music* dos Ventures.

Em algumas faixas, a voz de Frank soa exatamente igual à de seus idolos. "Los Angeles" lembra o estilo de Lou Reed, quase falado. "Two Spaces" é Paul McCartney puro e "Czar" é Iggy Pop no que ele tem de mais obscuro e misterioso.

Coincidência ou não, todos estes "homenageados" saíram de bandas famosas e engatilharam carreiras solo de sucesso.

Em citações mais explícitas, ele regravou "Hang On To Your Ego" (musica que Brian Wilson compôs para Pet Sounds, dos Beach Boys) e fez "I Heard Ramona Sing", exaltação aos reis do punk, os Ramones.

As letras não mudaram muito desde os tempos da sua ex-banda: continuam misturando ficção-científica, surrealismo e frases simples, mas desconcertantes. "Eu tinha tantos problemas/Mas agora arranjei um *walkman*", canta em "I Heard Ramona Sing". Em "Two Spaces" diz que a gravidade "é como uma coleira" e que queria estar "acima da atmosfera/cercado de freqüências sonoras". Lembra, estranhamente, algumas letras de outro iluminado: Raul Seixas. *ANDRÉ BARCINSKI*

ZONA FRANCA

BLUES + FUNK = BLUFUNK

KESIAH JONES é nigeriano e vive na Inglaterra. Canta muito, é um bicho na guitarra e está vacinado contra os excessos da mídia. Mas tem a manha de se lançar às custas de uma nova levada, o *blufunk*. Não, não é mais um embuste. Desde o trabalho solo de Ike Willis (o vocalista predileto de Frank Zappa), não se ouvia uma mistura de rock e soul – ou blues e funk – tão criativa. Mas como ele ainda não virou notícia? Calma, **Blufunk Is A Fact!** (Deiabel) é só o primeiro disco.

Sly Stone dos anos 90? O irmão mais novo e rebelde de Prince? O melhor rótulo para ele é nenhum. *OTÁVIO RODRIGUES*

DANCE IRRESTRITA

Até o meio de 92, a *garage* parecia uma boa idéia, quando houve um engarrafamento de faixas com órgãozinho tipo Crystal Waters, base de bumbo e palmas e vocalistas berrando sobre amor e união. Cansou.

No selo nova-iorquino Strictly Rhythm, a *garage* não seguiu esta sina, misturando-se com *dub house*, *trance* e batucadas de *tribal house*, como prova a compilação **This Is Strictly Rhythm – Vol. 2**. Tem *garage* suíço (!) com **DJAIMIN**, uma ferveção do **CLS** e o **ALY-US** em sua elevação soul ("Follow Me"). As **UNTOUCHABLES** misturam jazz e *garage* com graça e o sombrio **PHUTURE** pede que você mexa a bunda e faça algo de útil em "Rise From Your Grave". *CAMILO ROCHA*

Aqui vai mais um conselho para seu projeto de "desgrungização": ouça **Connected** (Gee Street), dos **STEREO MC's**. Você vai descobrir o prazer do ritmo além da guitarra – por exemplo, na flauta de "Everything" – e achar uma nova razão para dançar. E, porque não, para viver.

Seria fácil apelar para a nostalgia dos anos 70 para explicar o sucesso do grupo, mas eles não se encaixam exatamente nesse *revival*. Enquanto vários repetem o velho clichê, "Do you wanna get funky?", eles atacam com "All Night Long", ritmo lento e letra simples – na verdade, só o nome da música sendo repetido –, em uma canção que não soa nada original, mas tem a qualidade hipnótica das boas batidas. Os detalhes originais vão do sample de "Passarinho" (aquela mesmo, com a Gal Costa) em "Sketch" até uma nova maneira de dizer "yeah, yeah, yeah", em "Step It Up". E a faixa-título é o máximo. *ZECA CAMARGO*

A permuta entre tecnologia e música pop dá um passo adiante em **Nerve Net** (Opal). (Des)ordenado com a ajuda de um novo programa de computador (que facilita a mixagem, edição e intercâmbio de elementos sonoros entre várias performances simultâneas), o CD traz o que seu criador – **BRIAN ENO** – chamou de *space juju jazz*.

Ou seja, uma fissão de ritmos nigerianos e latinos, techno, funk e *synth rock* setentão. Tudo montado aleatoriamente *a posteriori* (segundo a teoria da dinâmica do caos), em canções de surpreendente unidade.

Em "Ali Click", Eno "toca" sapos e faz um vocal rap, enquanto "My Squelchy Life" deve ser o primeiro "cybermambo" da história. Robert Fripp, John Paul Jones e Robert Quine também estão metidos na coisa, que eleva ao cubo a confusão mental promovida por *My Life In The Bush Of Ghosts*, o famigerado disco de colagens que Eno gravou com David Byrne, em 80. Já no campo da ambiência, **Shutov Assembly** – também da Opal – lembra os trabalhos de Eno com o duo alemão Cluster, ao envolver pesquisas com drones e peças de teor reflexivo. *ARTHUR G. COUTO DUARTE*

• COMPACT DISC
• CAMISETAS
• BONÉS
• VÍDEOS

Woodstock
the rock shop

• POSTERS
• ADESIVOS
• ANÉIS
• BOTÕES
• CASSETES

Ref. 01 Ref. 02 Ref. 03 Ref. 04 Ref. 05 Ref. 06 Ref. 07
Ref. 08 Ref. 09 Ref. 10 Ref. 11 Ref. 12 Ref. 13 Ref. 14
Ref. 15 Ref. 16 Ref. 17 Ref. 18 Ref. 19 Ref. 20 Ref. 21
Ref. 22 Ref. 23 Ref. 24 Ref. 25 Ref. 26 Ref. 27 Ref. 28
Ref. 29 Ref. 30 Ref. 20 Ref. 17 Ref. 31 Ref. 32

ENVIE CUPOM OU XEROX PARA WOODSTOCK
RUA DR. FALCÃO, 157 - METRÔ ANHANGABAÚ - CEP- 01007-010 - SP - SP.

• JUNTO AO SEU PEDIDO DEVE SER ENVIADO UM CHEQUE NOMINAL OU VALE POSTAL PARA WOODSTOCK NO VALOR DE Cr$ 100.000,00 PARA DESPESAS POSTAIS.
• VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SUA ENCOMENDA NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.
• PRODUTOS COM GARANTIA DE QUALIDADE WOODSTOCK.

VALOR DA COMPRA ..... + DESPESAS DO SEDEX

REF	COR	MOD	REF	COR	MOD	REF	COR	MOD

Nome .....
End .....
Cidade: ..... Est
CEP- ..... Fone. .....

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 30/06/93
Após esta data cada Boné custa equivalente a US$ 4.00 e despesa de Correio equivalente a US$ 3.00 no câmbio oficial

REPLAY

BOM PARA OS OUVIDOS E PARA O BOLSO

A série *Best Price* – usual em outros países com este nome ou como *Nice Price* – agora chega ao Brasil, através da Sony. Trata-se de edições em vinil, cassete e CD, com desconto de 25% sobre o preço em vigor. Entre os 54 títulos disponíveis na primeira fornada, há gororobas que vão do rock arena à MPB rançosa, mas vários lançamentos são dignos de nota. Aqui, uma seleção dos melhores.

A VOZ CÓSMICA DE JANIS

A cantora texana ressurge em três álbuns

Ao projetar o blues para além dos domínios da tradição negra, trespassando-o por espasmos catatônicos, urros e descargas de eletricidade explicitamente contemporâneas, **JANIS JOPLIN** tornou-se um dos maiores ícones dos sixties. Por isso, a edição de três de suas principais gravações – estreando em CD no Brasil – merece atenção especial.

Cheap Thrills (68) já deveria ter figurado na seção *Discoteca Básica* há tempos. O álbum flagra a cantora – junto do injustamente subestimado "proto-grunge" do grupo Big Brother And The Holding Company – no pique máximo de energia, detonando versões transtornadas e extremamente pessoais para clássicos como "Summertime" (Ira e George Gershwin) e "Ball And Chain" (Big Mama Thorton).

Em **I Got Dem Ol' Kosmic Blues Again, Mama** (69), Janis foi convencida a dispensar sua banda em favor de uma "mais profissional". O resultado foi um disco morno, com overdose de metais, arranjos sem imaginação e produção contida. Ainda assim, Janis driblou os reveses e pôs sua alma a nu em "Little Girl Blue".

Para um registro inacabado (duas faixas ficaram sem vocais), o póstumo **Pearl** (71) é mais do que satisfatório. Prova disso é o canto semi-improvisado de "Mercedes Benz", o rapto que consome "Move Over" e o tratamento confessional dado a "Me And Bobby McGee". A *brown sugar* pode até ter liquidado Janis – mas sua arte, não. *ARTHUR G. COUTO DUARTE*

RAÍZES RENOVADAS

Blues e country com um pé no rock

Johnny Winter, James Cotton & Muddy Waters

Em *O Último Concerto De Rock* (*The Last Waltz*, filme de Martin Scorsese com o quinteto The Band), **MUDDY WATERS** interpretava a antológica "Mannish Boy", marcando sua volta à ativa após mais de dois anos de "molho", por causa de um acidente automobilístico. Poucos meses depois, essa mesma canção abriria o álbum **Hard Again** (77) – o *comeback* discográfico do *bluesman*, gravado quando ele assinou com o selo Blue Sky, de Johnny Winter.

O albino, além de produzir a bolacha, esmerilhou na guitarra (ao lado de cobras como o gaitista James Cotton), em clássicos de Muddy ("I Can't Be Satisfied"), de Willie Dixon ("I Want To Be Loved") e numa canção cujo título parece definir o encontro Waters/Winter: "The Blues Had A Baby And They Named It Rock'N'Roll". Que a Sony se anime a lançar *I'm Ready* (78), outra produção de Winter para o *hoochie coochie man*.

Para **BOB DYLAN**, a série trouxe dois relançamentos. **Bob Dylan's Greatest Hits** (67) e **Desire** (75). O primeiro apenas reuniu dez de seus sucessos nos *sixties*, mas o outro marcou a associação de Dylan com o letrista Jacques Levy em canções como "Hurricane" (composta em apoio ao lutador negro Rubin "Hurricane" Carter, condenado injustamente como assassino por um júri branco), na saga do anti-herói "Joey" e nas narrativas surrealistas de "Isis" e de "Black Diamond Bay". Todas com uma moldura semi-acústica, que destacava os vocais de Emmylou Harris e o violino de Scarlet Rivera.

Hard Rain (76) – que só agora sai aqui em CD – trouxe registros de shows (para a trilha de um especial de TV), feitos pouco antes de Dylan participar de *The Last Waltz*. Nada de excepcional, mas valido por "Maggie's Farm" (com direito à guitarra de Mick Ronson) e pela versão de "Idiot Wind". *CELSO PUCCI*

METAL ANIMAL

Ozzy com e sem Randy Rhoads

O começo dos anos 80 foi uma fase gloriosa para o heavy metal. Uma época legal para os neo-metaleiros tupiniquins (como eu, é lógico). A gente fazia uma vaquinha, comprava o disco novo de **OZZY OSBOURNE** e destruía a agulha de tanto ouvir "Mr Crowley". Isso também devido a um cara que era uma unanimidade, um ser todo-poderoso... Randy Rhoads, o guitarrista da banda de Ozzy. Ficávamos arrepiados só de ouvir seu nome. Quantos amigos meus não gastaram fortunas em aulas, sonhando em solar "Steal Away"?

Para essa galera, o relançamento de **Diary Of A Madman** (81) é uma dádiva. Só ouvir Rhoads solando em "Over The Mountain" já vale o dinheiro investido. É uma pena que *Ozzy Osbourne's Blizzard Of Ozz* (80), o primeiro álbum solo do vocalista, ainda esteja inédito em CD no Brasil. Seria um lançamento muito mais interessante do que **Bark At The Moon** (83), disco fraquinho que só tem como maiores atrações a faixa-título e a capa, com Ozzy vestido de bicho-preguiça (até hoje, ninguém me convence que "aquilo" é um lobisomem). Além disso, Randy já tinha batido as botas. *ANDRÉ BARCINSKI*

OUTROS TÍTULOS

Lançamentos em CD (já editados em vinil/cassete)

CAROLE KING Her Greatest Hits (78) "It's Too Late", "Jazzman" e mais uma dezena de sucessos da cantora/compositora nova-iorquina • **JAMES TAYLOR That's Why I'm Here** (85) Depois de seus shows no Brasil, o "rei do *bitter sweet*" voltou com esse álbum, após quatro anos sem gravar • **MIDNIGHT OIL Midnight Oil** (78) A sonoridade crua com influências de hard rock, na estréia de Peter Garrett & Cia • **JUDAS PRIEST British Steel** (80) Primeiro estouro do quinteto metaleiro de Birmingham fora da Inglaterra, com hits como "Living After Midnight," e "Breaking The Law" • **SIMON & GARFUNKEL Sounds Of Silence** (66) A regravação da faixa-título – lançada no álbum de estréia e aqui remixada com instrumentos elétricos – chegou ao Top One nos EUA e motivou esta coletânea, que inclui remakes da dupla para canções do primeiro disco solo de Simon • **SANTANA Amigos** (76) Recomeço dos ritmos latinos com um acerto funky, depois da fase mística e orientada para o jazz rock do guitarrista mexicano nos trabalhos anteriores.

Relançamentos em vinil/cassete/CD

BRUCE SPRINGSTEEN Nebraska (82) Álbum totalmente acústico, gravado por Bruce num estúdio caseiro, que destaca canções como a faixa-título e "Highway Patrolman" • **THE CLASH The Story Of The Clash, Vol. 1** (88) Boa retrospectiva do quarteto punk em treze faixas • **CYNDI LAUPER True Colors** (86) Segundo álbum da cantora, com hits como a faixa-título e "Change Of Heart" • **EARTH, WIND & FIRE The Best Of Earth, Wind & Fire, Vol. 1** (78) Dez sucessos do grupo funk durante os anos 70, incluindo "Shining Star", "Sing A Song" e "September" • **MICHAEL JACKSON Off The Wall** (79) Produzido e arranjado pelo mesmo Quincy Jones de *Thriller* (82), este disco anacopou o multiplatinado "album mais vendido de todos os tempos" em hits como "Don't Stop 'Til You Get Enough" e "Rock With You" • **PINK FLOYD The Final Cut** (83) O último trabalho de Roger Waters com o grupo, também é um dos mais inúteis. Esqueça e veja a nota sobre o relançamento de *The Dark Side Of The Moon*. *CP*

VINTE ANOS DE SUCESSO

Pink Floyd em edição especial

A EMI e o **PINK FLOYD** têm mesmo que festejar duas décadas de **The Dark Side Of The Moon** (73) foram 25 milhões de exemplares vendidos e 750 semanas na parada americana, um recorde que não mostra nem sinal de ser superado. Um em cada cinco lares ingleses tem uma cópia do disco.

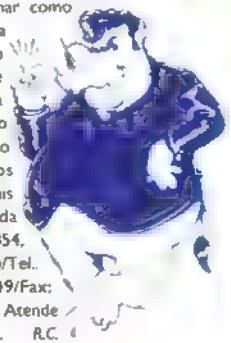
Então, a gravadora caprichou neste lançamento comemorativo em CD, que chegou ao Brasil em edição limitada. Remasterizou o álbum, incluiu um livreto de 28 páginas e cinco cartões. Ficou faltando apenas um baseado. Eu sei que é proibido, vicia, faz mal e é pecado, mas faz falta para ouvir o disco. Sem isso, ele perde muito de sua força e o tecno-blues do grupo soa gelado, sem o toque vivo da improvisação. Tudo calculado exaustivamente, sem nenhum humor. Mas é um álbum que tem lugar garantido na história. Afinal, parte da grana que ele deu foi usada para financiar o filme *Monthy Python And The Holy Grail*. Não é para ficar agradecido? *ROGÉRIO DE CAMPOS*

ROL DE FERAS

Selo americano e distribuído no Brasil

A Rhino é a principal gravadora dos EUA especializada em música dos anos 50, 60 e 70. O catálogo dela é absurdamente legal. Inclui desde clássicos do soul até gravações com obscuras bandas de garagem do final dos anos 60. De grupos de *surf music* e de rockabilly dos anos 50 até rock progressivo e disco da década de 70. De Jerry Lee Lewis, Blue Cheer, The Box Tops, Screamin' Jay Hawkins e Otis Redding até babas como Frankie Valli e Foghat.

A boa notícia é que o selo assinou um acordo com a loja brasileira Planet Music, que passa agora a representá-lo por aqui. Isto significa que, a partir de agora, a Planet Music passa a funcionar como distribuidora da Rhino, com todo o catálogo deste à disposição e a preços (dezoito dólares) pouco superiores aos dos CDs nacionais. Contato: R. da Consolação, 2.854, São Paulo (SP)/Tel.: (011) 852-0349/Fax: (011) 282-7190. Atende pelo reembolso. *R.C.*



PATRONOS DO COLLEGE

R.E.M. em duas reedições com faixas-bônus

O bom e velho **R.E.M.** está de volta às lojas. Depois do relançamento em CD de *Fables Of Reconstruction* (85), chega a vez de **Document** e da coletânea de lados B de compactos e *outtakes*, **Dead Letter Office** (ambos de 87, editados pela I.R.S./EMI-Odeon). O primeiro, um dos melhores álbuns do grupo de Athens, vem com seis faixas inéditas de bônus. O outro traz também o primeiro EP do quarteto – *Chronic Town* (82) –, nunca lançado antes no Brasil. Boa chance para descobrir como eles, sem abrir concessões e sempre depurando seu som, chegaram ao grande público. *DANIEL BENEVIDES*

ZERO EM COMPORTAMENTO

O grupo mais sujo que os Stones

Os conservadores ainda bufavam indignados com os Rolling Stones, considerados horríveis, sujos e repulsivos, quando surgiu o quinteto **THE PRETTY THINGS**. Se os Stones tinham seu *ersatz*, a sociedade ganhava outro pesadelo.

Ambos os grupos frequentavam a mesma escola de arte e tocavam juntos – Dick Taylor, o guitarrista, tinha sido o primeiro baixista oficial dos Stones. Estes se profissionalizaram antes, mas as duas bandas eram da mesma época e dividiam o amor pelo r&b e pelo rock de Chuck Berry e Bo Diddley.

Mas os *pretties* (como os fãs os chamavam) eram encarados como uma degeneração dos Stones, mais furiosa e selvagem. Phil May era o *crooner*, na descrição de Nik Cohn: "Um gorila alejado, se espalhando pelo palco". Tudo em relação aos *pretties* – até o nome, tirado de uma canção de Diddley – parecia ultrajante.

Seus primeiros singles, "Rosalyn" e "Don't Bring Me Down" (de 64), instigaram o subgênero punk rock dos anos 60. Quando qualquer inglês capaz de discernir uma guitarra de um poste invadiu os EUA em 64/65, os *pretties* estranhamente declinaram todos os convites para tocarem lá e concentraram sua atenção na Europa e na Austrália.

Pessoalmente não se entendiam: na falta de um líder, a banda – já em 65! – era um caos total. O baterista Viv Prince acabou expulso no meio de uma excursão australiana, surrado pelos colegas e atirado para fora do avião, felizmente ainda no chão.

Após dois álbuns impecáveis (*The Pretty Things* e *Get The Picture*, ambos de 65), o grupo sucumbiu à famigerada "síndrome de *Sgt. Pepper's*" e cometeu *Emotions* (67), um embrulho indigesto composto de raga-rock, cordas, sopros etc. Depois, ficaram à deriva.

Nos anos 70, o grupo foi desfeito e reformado inúmeras vezes, além de estar na ativa até hoje. Mas o essencial dos *pretties* concentrou-se em seus primórdios. E foi este o material reunido nas 25 faixas do CD **Get A Buzz (The Best Of The Fontana Years)**, lançado pela Phonogram. Ele traz os principais registros feitos entre 64 e 67 por uma banda que, à sua própria maneira, nos ensinou a admirar a formidável música negra americana. Longa vida para eles. Canções como "Rosalyn", "Honey I Need" e "Midnight To Six Man" são para sempre. *RENÉ FERRI*

COQUETEL DE SOUL

CDs resgatam obra de Curtis Mayfield

O grupo vocal **THE IMPRESSIONS** – uma das jóias do soul pop sessentista – nasceu em Chicago, nos idos de 57. Tiveram um hit ("For Your Precious Love") ainda como Jerry Butler & The Impressions, mas logo depois Jerry seguiu carreira solo e eles só voltaram a se reafirmar sob a batuta de **CURTIS MAYFIELD**, colega de Butler e, como ele, produtor, arranjador, vocalista e instrumentista de mão cheia.

Foi quando assinaram com a gravadora ABC e teve início a fase dourada do grupo, que se estendeu por toda a década de 60 em hits como "Gypsy Woman", "I'm All Right", "Keep On Pushing", "People Get Ready", "We're A Winner" e outros.

Em 70, foi a vez de Mayfield seguir individualmente, apesar de continuar supervisionando o trabalho do grupo. Suas produções traziam arranjos sofisticados de cordas, percussão afro-latina e guitarras com *wah wah*, numa trama ideal aos vocais em falsete de Curtis. Puro soul anos 70, sem grandes inovações, mas feito com rara competência.

Pois todo este espectro sonoro é abarcado na compilação dupla **Curtis Mayfield & The Impressions – The Anthology** (MCA). São quarenta faixas – sendo dez delas dedicadas aos registros solo de Curtis. Para os minuciosos, há também duas edições em CD tentadoras, do selo Curtom: **The Young Mod's Forgotten Story** (69), último álbum do grupo antes da saída de Mayfield e **Curtis** (70), sua estréia individual. *CELSO PUCCI*

CHEGOU!

2º CAMPEONATO BRASILEIRO

NESCAU

DE GAMES

EDITORA AZUL

SAIBA COMO PARTICIPAR NA REVISTA AÇÃO GAMES

REALIZAÇÃO: REVISTA AÇÃO GAMES

APOIO: playcenter novotel VARIG

PATROCÍNIO: Nestlé NESCAU

CENTRAL MUSICAL

NACIONAIS E IMPOTADOS
ATENDEMOS TODO O BRASIL
Fax: (011) 815-0880
Fone: (011) 883-5080
• Loja Pinheiros
Rua Teodoro Sampaio, 763
Loja 10 - CEP 05405-050
• Loja Guarulhos
Rua Padre Celestino, 70 - Centro
Fone: (011) 208-1318

PAI DO ROCK
INSTRUMENTOS MUSICAIS

QUITARRAS:
Fender • Gibson • Ibanez
• Charvel • Jackson • B. C. Rich • Aria
Pro • Dolphin • Golden • Giannini

ACESSÓRIOS:
Transmissor Nady • Sequencier
Yamaha • QY-10 • Ponte Floyd Rose
• Captadores EMG e Dimarzio
• Afinador e Metronomo Boss
• Gravadores Fostex e Tascam

MULTI EFEITOS:
Boss SE-50 e ME-6 • Digitech GSP-
21 e RP-1 • Korg A-5 e A-4 • Zoom
9000 com pedaleira e pedais Boss

VENDA • TROCA • CONSIGNAÇÃO
CONSERTOS E REGULAGENS
NOVOS E USADOS (NAC. E IMP.)
ATENDEMOS TODO O BRASIL

Rua Teodoro Sampaio, 865
Fone: (011) 883-6779
CEP: 05405 - Pinheiros - SP

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor - Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: André Forastieri
Editor: Celso de Sales Pucci
Editor de Arte: Richard Kovacs
Editor Assistente: Camilo Rocha
Redator: Rogério de Campos
Repórter: Carlos Eduardo Miranda
Coordenador de Produção: Marcelo de Castro
Diagramadores: Antônio Fernando Morra, Renato Yada (stiver)
Correspondentes: Ana Maria G. Lemos (Londres), André Barcinski, José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Colaboradores - Texto: Alex Antunes, Arthur G. Couto Duarte, Claudia Lima, Claudio Campos, Daniel Benevides, Leo Jaeckel, Ricardo Lima, Jose Julio do Espirito Santo, Marisa Adán Gil, Otavio Rodrigues, Rene Feiri, Zeca Camargo. Fotografia: Angelo Pastorello, Rose Miyaki, Rui Mendes, Tarcisio Rubin Lume, Sérgio Neckal, Zé Maria.
Revisão e Preparação de Texto: Alexandre Ortiz Ramos. Ilustradores: Macarrão Matangra, Milton Trajano

PUBLICIDADE

Diretor: Rogério Raiser
Supervisores de Contas: Maira Gisele Magna, Nilo Caldeirão Bastos, Oscar de Oliveira
Diretor de Vendas: Oswaldo Mallo Jr.
Contatos: Ana Maria Lobo, Marilia Heidi (Dir.), Tânia Mattana (Ag.)
Supervisora de Vendas (Rio): Lidia Camarate
Marketing Publicitário: Maria de Moraes
Coordenadores: Igor Assan, José Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Miranda Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossana Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Helga de Lima Dória Castelli

BIZZ 94 é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. São Paulo - Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex (011) 83178, fax (011) 813-9115. Telegramas: EditabrilAbril Press. Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara 160 - 15º andar - sala 1514/15, CEP 20020-080, Centro, tel (021) 532 0313, telex (021) 36860, fax (021) 532 1468, CP 4816, Telegramas: EditabrilAbril Press. Distribuidor em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Paz Varela, Asseiceira dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Assinaturas: valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em importância da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o que poderá ser cedido a empresas idôneas para fins exclusivos de divulgação e promoção de seus produtos, que julgarmos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. Circulação desta revista: maio/93. Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuição com exclusividade na praça pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações. São Paulo. Serviço ao assinante: tel. (011) 853-9222
Fotolito: Fotolinel Ltda. Postscript Artes Gráficas e Bureau Azul
ANER
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

BREVE MAIS UM

I.P.A.
INSTRUMENTOS MUSICAIS

• SHOW ROOM 360 m2
• SALA DE TESTES
E
• TODA LINHA

Pearl Fender Marshall Ibanez Peavey ensoniq KORG

TAKAMINE
SOUNDTRACS • REMO
• ZILDJIAN • NADY SYSTEM
• SEYMOUR DUNCAN • ROSS
• DI MARZIO • ERNIE BALL • GHS
• D'ADDARIO • JIM DUNLOP
• TAGIMA • AUDIO TECNICA
• BOSS • OVATION • JACKSON
• ADA • TAMA

Toda a linha com
1 ano de garantia

TELEVENDAS E CATÁLOGOS
PARA TODO O BRASIL

Preços Incríveis!!!

Rua Teodoro Sampaio,770
Tel.: (011) 282-5653 - 881-1515
Fax: (011) 64-3430
CEP: 05406 - São Paulo - SP

CARTAS

"SEUS VAGABUNDOS!"

O que me deixa realmente puta da vida é que ninguém falou/escreveu nada sobre os nossos maravilhosos fotógrafos/cinegrafistas. Mas agora vai: vocês são o escroto do jornalismo brasileiro! Eu adoro assistir show na primeira fileira, mas esse bando de filhas da puta que não tem um pingo de respeito gostam de ficar na minha frente e da galera das primeiras fileiras. Da próxima vez, eu levo pedras para jogar nestes filhos da puta ou reto para estar menstruada? Tudo isso vale também para a MTV e para vocês, vagabundos da BIZZ, que não tiveram respeito por quem, indiretamente, é quem paga seus salários.

Cidele Alva de Oliveira
Guarulhos, SP

É a geração L7 dando seu recado. Acetamos sugestões de lugar onde os fotógrafos possam ficar para tirar fotos boas e de perto dos shows –e, ao mesmo tempo, deixar todo mundo ver. Percebe o problema? Nota: a mocada da BIZZ ficou calda pelo gramado como toda mundo.

"CANETAS REBELDES"

As fotos da reportagem dos Guns mostraram bem o perfil dos fãs da banda: uns perfeitos imbecis! Não é possível uma revista de qualidade da BIZZ publicar uma inutilidade dessa. Já não basta termos de aturar 100% de dominação americana? Renato Yada, quero te parabenizar pelos seus comentários sobre Incesticide, do Nirvana. Estamos cada vez mais sendo engolidos pela mídia. Em uma esquina, vemos perfeitos imbecis ouvindo dance music. Na outra, vemos o rock comercial gerando modas e atitudes massificadas. O verdadeiro rock'n'roll, que liga as vísceras à mente, vai sendo gradativamente discriminado e arrastado para os subúrbios da cidade.

São de canetas elucidadas e rebeldes como a sua que precisamos para acordar os indiferentes e puxar o tapete desse sistema.

Adriano Leonardi
S. J. Rio Preto, SP

É nós, inocentes, pensávamos que o rock'n'roll era americano.

A RESPOSTA É "NÃO"

Gostaria de pedir para vocês se dava para mandar duas biografias: uma dos Talking Heads e outra da Madonna. Gostaria de pedir também um disco do L7, mas se não der certo não faz mal.

Nilton Vieira Jr.
Curitiba, PR

Peço-lhes por favor o endereço, e se possível, o telefone dos Red Hot Chili Peppers (residência).

Julia Pereira
Fortaleza, CE

E para beber não vai nada? Moçada, aqui não é gravadora ou shopping center, muito menos Papai Noel. Nem o dinheiro, nem de graça mandamos produtos pelo correio. Quanto o endereço e telefone dos artistas, mesmo se tivéssemos não daríamos. Dá pra gente que vocês são loucos, iam ficar pentelhando o Reo às três da manhã ou algo assim.

"PANTERA COR-DE-ROSA"

Gostaria de elogiá-los pela fantástica reportagem com o Pantera. A foto do Phil Anselmo me soltou o intestino de tal modo que cheguei a cagar uma tonelada. Esse cara é um porco preconceituoso, que nem a minha merda na cara merecia.

Marina Moraes
Rio de Janeiro, RJ

Pô, BIZZ, nunca pensei que vocês gostassem de publicar tantas porcarias. A única pantera que prestá no mundo é a Pantera Cor-De-Rosa.

Nilson Rocha
Recife, PE

"CHEGA DO AXL"

Parabenizo Camilo Rocha e Marisa Adán Gil pela matéria sobre os GN'R no Brasil. Como a imprensa brasileira não é como os dos, estamos arriscados a nunca mais ver o melhor show de rock do planeta (graças a Deus, eu fui).

Sandro de Oliveira
Guarulhos, SP

Em vez de fazer mais capas com o porco do Axl Rose, gastem-nas com os Red Hot Chili Peppers e outros grupos que mereçam.

Letícia Uesugi
Tóquio, Japão

Ainda bem que os Guns não vieram para Brasília. Falamos com que voltassem para Los Angeles com o rabinho entre as pernas.

Edmilson dos Santos
Novo Gama, GO

Ô cobra macha. Já que os Guns não foram até aí, que tal usar sua energia rebelde contra todos esses políticos e gente do governo? Seria mais útil.

Como alguém pode chamar os Guns de a maior banda de rock do mundo quando se tem um bad boy parasita que não vive sem uma polêmica? Ele está querendo concorrer com a Madonna? Não tenho tanta certeza que esta banda mereça o título quando tem por alvo os tópicos: racismo, arrogância, violência e ser contras as mulheres.

Marcio Philker
São Paula, SP

CAMILO ROCHA RESPONDE: a) Parece que um monte de gente sem senso de humor não percebeu que chamar Axl de "brother" era mais uma brincadeira com a relação amorótido entre críticos e público e a banda do que uma tomada de partido; b) Apesar de todo o passado de escrotices de Axl & Cia, havia uma necessidade de se contar os fatos à distância, já que a mídia brasileira encanou com os Guns N'Roses num nível pessoal; c) Os shows foram reconhecidamente bons, apesar dos grassenos e pasados devidamente citados; d) Finalmente, "maior" naquele texto significa vendas, popularidade etc. Não tem nada a ver com qualidade.

"SOMOS ESTUDANTES"

Basta ler algumas cartas pró-Engenheiros na seção de cartas da revista para ver. Nós três somos estudantes de engenharia e gostaríamos de dizer que essa bandinha medíocre emporcalha o nome da nossa categoria.

Casme, Zé & Gordo
Itapetininga, SP

"SUJOS, BÊBADOS E DROGADOS"

Não sei como tiveram coragem de colocar aquelas duas reportagens horrríveis sobre o Iggy Pop e os Sex Pistols. Vocês precisam é de qualidade e não de caras sujos, bêbados e drogados.

Eloise Löf
Carazinho, RS

DOIS RECADOS

NÚMEROS ATRASADOS: O melhor é pedir ao seu jornaleiro. Caso não consiga, tente (011) 268-2522, no Departamento de Números Atrasados. NÃO tente obter com a gente, pois não estocamos revistas antigas aqui na redação.

FÃS-CLUBES & COMÉRCIO: Se você quer publicar endereços de fãs-clubes e cartas sobre venda, compra e/ou troca de qualquer coisa, então escreva para a revista Letras Traduzidas, que tem uma seção especializada nisso. É o mesmo endereço da BIZZ.

Mês que vem: um dilúvio de cartas metendo o pau no novo BIZZ? Ou não?

DJ SHOPPING®

A LOJA OFICIAL DOS DISC-JOCKEYS

Se o que você procura é o melhor da Dance Music, este é o lugar certo!
Temos os últimos lançamentos em discos e CD's.

E MAIS:

Toca discos, Mixers de todas as marcas, Fone de ouvido, Agulhas, Cases, Feltros e acessórios em geral.
Oferecemos também os modelos mais originais da griffe DJ Shopping disponíveis em Camisetas, Bonés, Moletons, Jaquetas, Calças Jeans, Cintos, Camisas, Bermudas, Chaveiros, Bottons e muito mais.

LIGUE AGORA E RECEBA EM SUA CASA VIA SEDEX.

Av. Paulista, 2001 - Sbl 28 -SP -
Tel.: (011) 285-2333
Tel/Fax: (011) 251-3239
Ou ainda em: Belém, Manaus, Santo André e Rio de Janeiro.
Contatos para franquia
Tel/Fax: (011) 530-9217

BIZZ

ÀS SUAS ORDENS.

A Editora Azul, como empresa do Grupo Abril, mantém uma Central de Atendimento pronta a resolver qualquer dúvida e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Estamos à sua inteira disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ligue das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 261-7070
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Porto Alegre - Tel. (051) 229-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Ou escreva para:

Editora Abril
Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05066-900 - São Paulo - SP

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

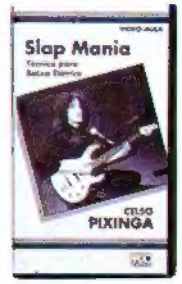
Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO
Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.
Nome
Código de assinante
Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço
Bairro
CEP
Cidade
Estado
Tel.
Revistas que você quer receber neste novo endereço:

APRENDA MÚSICA

Escolha o Seu Mestre



Videoaulas M.P.O. os Mestres da Música ao Alcance de Todos.

MPO VIDEO

R. Urbanizadora, 140 - Perdizes
São Paulo - SP - CEP: 01252-040
Fone: (011) 263-1522/Fax: (011) 62-7608
UTILIZE SEU CARTÃO DE CRÉDITO

D.B

discoteca básica

KISS
Destroyer

Você já imaginou como seria o mundo sem o Kiss? Reflita durante um momento... Pense nos dinossauros progressivos dos anos 70, tipo Emerson Lake And Palmer e Yes, querendo destruir o bom humor da raça humana. Pense em quantos caras compraram uma guitarra depois de ver e ouvir Ace Frehley. Pense em quantas festanças já não foram embaladas por "Rock'N'Roll All Nite". A conclusão não poderia ser outra: Ace, Gene Simmons (baixo), Paul Stanley (vocal/guitarra) e Peter Criss (bateria) salvaram o rock'n'roll.

O quarteto botou demência onde só havia pretensão e virtuosismo assexuado, por isso lhe somos eternamente gratos. David Bowie, Marc Bolan e os New York Dolls já haviam jogado purpurina nos anos 70, mas nenhum deles atingiu tanta gente quanto o Kiss. Mas até hoje, este planeta ingrato despreza os quatro mascarados de Nova York. Você já viu *Hotter Than Hell*, *Destroyer*, *Rock And Roll Over* em alguma lista dos melhores álbuns da história?

As pessoas "sérias" não gostam do Kiss porque o grupo é uma mancha na imaculada história dos heróis do rock. Gene & Cia. não estavam a fim de protestar contra nada, pouco ligavam para a guerra do Vietnã ou para a miséria do mundo. Só queriam mesmo se dar bem com as mulheres, encher o bolso de grana e se divertir com o rock'n'roll. E conseguiram!

Muitos acusam o Kiss de ser "palhaço" demais para ser levado a sério, mas se esquecem de que Little Richard tocava fogo no piano nos anos 50 e que James Brown tirava a camisa para mostrar os músculos para as fãs. Isso é rock'n'roll, uma palhaçada sem fim. O que o Kiss fez foi pegar esse lado *clown* e adicionar-lhe o toque épico que faltava. Gene, Paul, Ace e Peter sacaram que não era suficiente tocar rock. Era necessário "encenar" rock. Para embalar esse teatro gigante, só mesmo um som de arena, básico ao extremo. Músicas que colassem na memória, refrões fáceis.

E foi aí que Gene Simmons e Paul Stanley se revelaram verdadeiros gênios do pop. Disco após disco, a banda foi se aprimorando até chegar ao ápice: o monumental *Destroyer*.

O começo do álbum é glorioso: "Detroit Rock City", "King Of The Night Time World" e "God Of Thunder", dez minutos de tirar o fôlego. O baladão "Beth" e "Do You Love Me" se destacam no meio de outras preciosidades. É um disco que se ouve da primeira à última faixa sem tirar o sorriso da boca. Nota dez.

A influência de *Destroyer* não pode ser medida. Todo ser humano que faz som pesado deve um pouco ao Kiss. Bandas tão diferentes quanto Anthrax, Venom e Nirvana são capazes de se ajoelhar à simples menção do nome de Gene Simmons. Até o Manowar chegou a copiar a capa de *Destroyer* (no álbum *Fighting The World*).

O Kiss deixou uma lição: a de que é preciso levar a vida na brincadeira e que muita seriedade cansa a beleza. Felizmente, milhões aprenderam o dever de casa.

Quando você vir alguém na rua com uma camiseta da banda, pode cumprimentar que é gente fina.

ANDRÉ BARCINSKI

PERFORMANCE

Lançamento: 1976 **Produção:** Bob Ezrin **Faixas:** "Detroit Rock City"/"King Of The Night Time World"/"God Of Thunder"/"Great Expectations"/"Flaming Youth"/"Sweet Pain"/"Shout It Out Loud"/"Beth"/"Do You Love Me" **Notas:** *Destroyer* deu ao grupo o primeiro disco de platina (mais de um milhão de cópias vendidas nos EUA) e chegou ao 11º posto da *Billboard* • O single de maior sucesso do álbum – e da banda – foi "Beth" (escrita e cantada pelo baterista Peter Criss), sétimo lugar na parada americana, enquanto "Shout It Out Loud" e "Flaming Youth" atingiram o 31º e o 74º postos, respectivamente • Antes de *Destroyer*, Bob Ezrin produziu os álbuns da melhor fase de Alice Cooper (*Love It To Death*, *Killer*, *School's Out*, *Billion Dollar Babies* etc.) e *Berlin*, para Lou Reed • Ezrin também foi co-autor de sete das nove canções do disco e Kim Fowley, veterano produtor de Los Angeles, também co-assinou "King Of The Night Time World" e "Do You Love Me" • Disponível em CD nos EUA, Europa e Japão. No Brasil, foi editado em vinil e cassete, mas está fora de catálogo.

SEU TALENTO NUNCA TEVE TANTA POTÊNCIA.

300 W
400 W
550 W!!

Grandes músicos merecem grandes equipamentos. É por isso que a *Novik* apresenta a linha de alto-falantes para Instrumentos Musicais ***FASE II***, agora muito mais potente. ***FASE II*** é uma versão tecnicamente mais avançada da linha já consagrada pelos maiores músicos e engenheiros de som do país.

VEJA PORQUE ELES FICARAM MAIS POTENTES.

1 Novo tratamento na superfície da bobina com novas lacas e adesivos.

2 Fios para temperaturas mais altas que suportam maior carga térmica.

3 Novos adesivos empregados na colagem do ponto crítico de resistência que possibilitam alcançar potências de ***300, 400 e 550 W.***

NOVIK
Alto-Falantes Profissionais

CHEGA!

DE ÁGUA COM AÇÚCAR

Se você é daqueles que acha tudo água com açúcar, aqui tem uma mistura pra você queimar a língua.

THE BEST OF THE CULT

Álbum duplo

PURE

FOR ROCKERS RAVERS LOVERS

CULT

AND SINNERS

NATIVE TONGUE

EMI

CD K7 LP